



# ANIMATO' GRATO

DIRECTOR-ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº 6 ● 1\$50

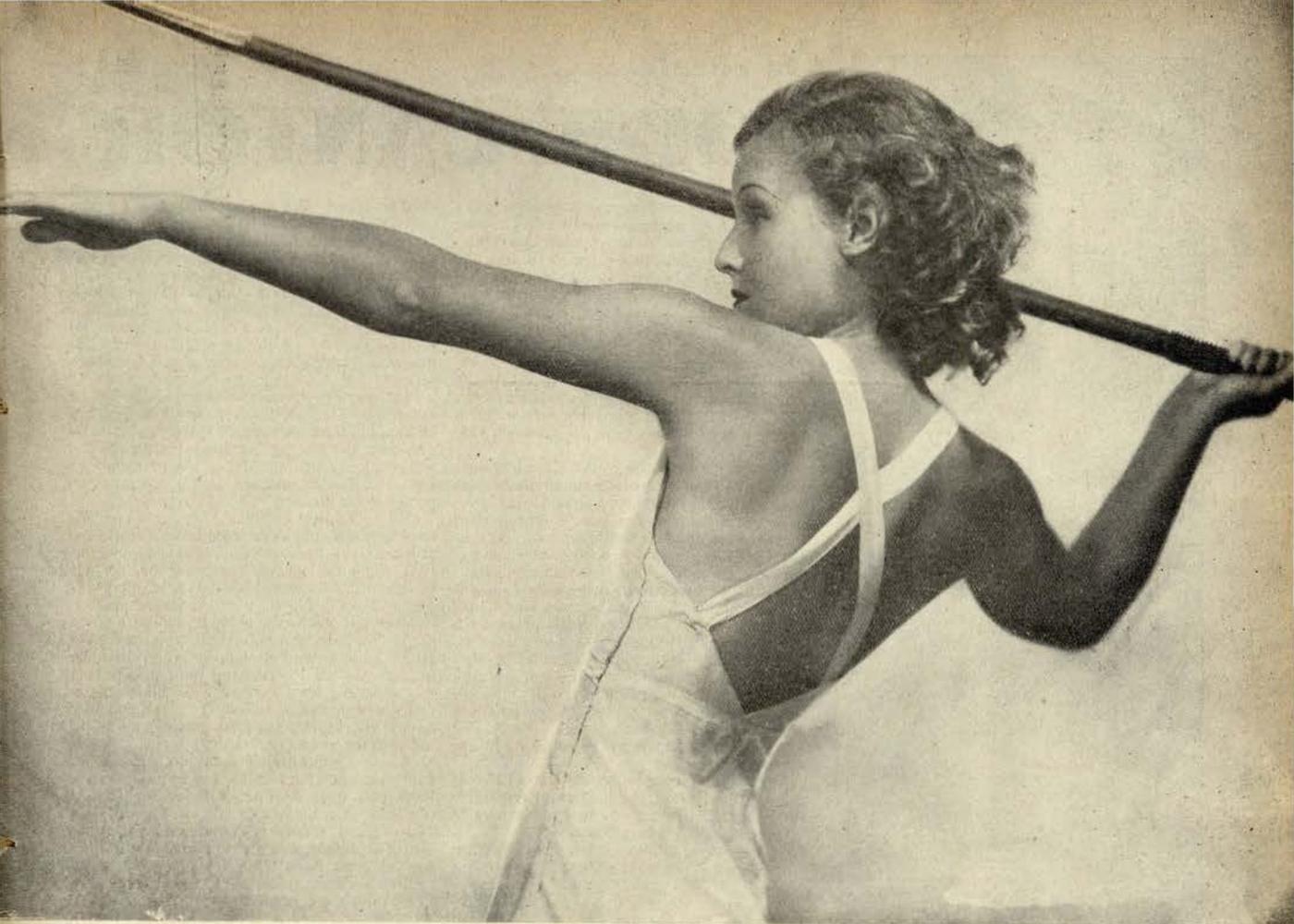


Ce "Animatografo", la splendide  
revue de cinema de Portugal  
et à ses lecteurs, mes amis  
Bien sympathiquement  
Annabella

## UM AUTOGRAFO CATIVANTE DE ANNABELLA

Annabella, a encantadora actriz francesa, teve a gentileza de nos enviar este seu lindo retrato com a mais amável das dedicatórias. A melhor forma dos nossos leitores lhe agradecerem é irem aplaudí-la em "14 de Julho" de René Clair, que amanhã se estreia no São Luís, apresentado pela Agência Cinematográfica H. da Costa.

Na capa: 'ROSY BARSONY, ESTRÉLA DA U. F. A.



# L I L I A N A

Canção de ANTONIO BOTTO dedicada a LILIAN HARVEY

Tem nos olhos  
Aquela dúbia certeza  
De quem pretende fixar-se  
Numa doce realidade...

Olhando-a —  
Não sei se a quero,  
Nem sei até se a desejo  
Nesse normal desejar  
Uma mulher provocante.  
Beijá-la? — Sim; mas apenas  
Como quem beija o perfume  
De uma saúde distante.

Ativa, oiço chamar-lhe.  
— Não há mulher que o não seja  
Se a beleza nela existe.

Ah!, meus amigos, a vida!...

Falei de amôr, puz-me triste.

ANTONIO BOTTO

# EDDIE CANTOR



Mieux est de ris que de larmes écrire  
Pour ce que eire est le propre de l'homme

RABELAIS

DEZ vezes Eddie Cantor percorreu os sete mil quilómetros de via férrea que separam New York de Los Angeles, o Atlântico do Pacífico. Cinco vezes para lá, cinco vezes para cá. Cinco-bilhetes de ida e volta em 1.<sup>a</sup> classe que custam um dinheirão. Mesmo na América, na terra fabulosa dos milhões, o caso não é vulgar. Não se chega ao extremo de apontar, só por isso, um cidadão na rua, mas interessa saber quem é e porque o fez.

A mobilidade ferroviária de Eddie Cantor justifica-se com facilidade. Dois grandes centros o disputam com denodo, sem que nenhum consiga retê-lo de vez. Broadway e Hollywood aceitam-lhe *tour à tour* com contratos chorudos, na esperança, sempre baldada, de fixarem no Oriente ou no Ocidente aquela agulha louca. Eddie-o-Inconstante nunca se decide. Prefere andar num vai-vem a tomar uma resolução. É um rapaz sensato, afinal. Lembremos o belo verso do Poeta: «Resoluções não servem a ninguém»...

Este sistema habilidoso de *ménager la chèvre et le chou* tem-lhe surtido os melhores resultados. Compatibilizando o palco e o ecran, Eddie Cantor consegue ser o único actor de cinema e teatro que não vê um dos aspectos da sua popularidade — podíamos escrever: da sua glória — prejudicado pelo outro. Idolo da Broad-

way, é idolatrado em Hollywood — o que não é difícil, dado o basbaquismo universal que toda a «provincia» tem pelas metrópoles. Mas o facto da sua permanência nos estúdios lhe não embaciou o brilho no proscénio é que já é notável pela raridade. Veja-se o caso de Maurice Chevalier, a quem a Rua de Clichy — Paris, enfim — nunca perdoou o seu contrato com a «Paramount».

É certo que os méritos de Eddie Cantor excedem os de Chevalier, tornando até certo ponto justa, ou pelo menos natural, essa disparidade.

Para os cinéfilos superficiais que classifiquem de heresia a afirmação supra, dignamo-nos fazer uma demonstração.

A voga de Chevalier, quer no palco, quer no ecran, acenta quasi toda em circunstâncias a que o artista é estranho como criador. É preciso saber distinguir um bom intérprete dum verdadeiro artista. Arte sem criação não faz sentido. Chevalier limitou-se a descobrir um género seu, em que a incontestavelmente habilidoso, mas não inimitável. Chega a ser fácil imitá-lo, de tal maneira são aparentes os seus recursos, os seus cordelinhos. Basta uma garôta esperta como Mitz Green para o desmascarar. Isto não diminui os seus méritos de actor, mas abala-o como artista. O caso de Maurice não é único. O que acontece com ele no domínio cómico, acontece com Al Jolson no patético, ainda mais artificialmente, se é possível. Por isso Chevalier desaparecerá — como Al Jolson desapareceu.

Como Charlie Chaplin, como Harold Lloyd, como Buster Keaton, Eddie Cantor é inimitável. Basta ter visto um dos seus filmes para se chegar sem esforço a essa conclusão.

Peguemos no último que foi exibido entre nós, tarde e a más horas: *Palmy Days* — a que se chamou, decerto para fingir que vinha muito a propósito na Páscoa, *Festas Jelizeis*... Eramos capazes de jurar que há cinéfilos que não têm vergonha de supôr que *Palmy Days* foi o

primeiro filme de Eddie Cantor que veio a Portugal... Esqueceram-se miseravelmente de *Testemunha imprevista* (Kid Boots) e da *Encomenda postal* (Special Delivery), que vimos há bem poucos anos, quando o silêncio exalava os últimos suspiros. Eram dois grandes filmes, Cantor enchia-os da sua exuberante fantasia, do seu espirito sempre jovem, sempre casto. (O maior trunfo de Chevalier é a *cochonnerie*, a brejeirice equívoca de que faz alarde), marcando desde logo a sua inconfundível personalidade.

Em *Palmy Days*, Eddie Cantor revelou-nos mais um dos prodígios, a sua voz, que reúne a todos os predicados do bom tenor, em pureza e extensão, a gama de inflexões do *diseur* consumado. Bastaria a fôrma como ele então, em várias circunstâncias, a famosa frase *When I'm excit'd, I sing!* (Quando estou excitado, canto), para

chamar sobre eles melhor atenção. A cena com Charlotte Greenwood (outra grande artista!) em que a ginasta mistura uma declaração de amor violento com uma não menos violenta sessão de cultura física; a cena com o patrão — em que Eddie o ensina a imitar os patos; principalmente a cena em que aparece disfarçado de «professor de francês» a explicar ao seu tirano o novo método de prever o futuro — são das melhores expressões de cómico que temos observado.

Há quem pretenda aproximar Eddie Cantor dos Irmãos Marx. É temerário e inútil. Os Marx andam na terra por acaso, caídos eu sei lá de que estranho planeta. Nenhum dos seus gestos tem qualquer sentido lógico ou humano; as suas reacções ficam para lá da loucura. São personagens lunares.

Eddie Cantor é sublunar. Os seus vínculos terrestres são suficientemente fortes para que o seu convívio não nos choque e cada uma das suas penas nos agrave. Não é que lhe aconteça grande mal. Os desgostos ajuda o tocar menos que a Harold Lloyd, príncipe dos otimistas. Passam por cima dele como um cilindro sobre um m cróbio, sem o esmagar. O final de *Palmy Days* é um exemplo típico. Toda a gente supõe que, depois da alegria exuberante manifestada na canção *My baby said yes!*, o vamos ver mimar o desengano... Isso sim! É ele quem pede ao pai da rapariga para lhe comunicar que afinal resolveu casar com outra!

Eddie Cantor não é estúpido, nem parvo, nem ridículo. É um rato, um tipo desconcertante pela dose de finura e de inteligência que põe nos seus imensos disparates. Com os seus olhos únicos, redondos e irrequietos como duas bolas de bilhar, os seus cabelos ásperos e pretos, as suas mãos secas e inteligentes, que fazem coisas espantosas, a sua voz soberba, Eddie Cantor é o verdadeiro Rei da Madureza — e um dos maiores artistas do meu tempo.

BALTAZAR FERNANDES



Eddie Cantor e o seu chapéu triste.

# Apresentações Corporativas

*E' ocioso dizer que as apresentações corporativas inauguradas recentemente pela Agência Cinematográfica H. da Costa fizeram sensação entre os nossos leitores, isto é: entre os cinefilos portugueses. Um cinefilo é, por definição, um «amigo do cinema». Não podiam, portanto, ficar insensíveis a tão marcante inovação, que diminuiu ostensivamente o aspecto comercial que tem sempre uma estreita a surpresa.*

*Apareceu, finalmente, um distribuidor português disposto a romper com com a rotina — um distribuidor que não as corta...*

*A designação «corporativas» causou engulhos a certos recta-pronúncias.*

*— Corporativas, porque? — perguntaram, com um grande ar de quem apanha alguém descalço...*

*Corporativas se chamam porque se destinam, realmente, aos membros da corporação cinematográfica.*

*E' inútil sorrir. O facto dessa corporação não estar organizada não estar organizada não quer dizer que não exista.*

*Lá jóra, — ao menos, ó meus simpáticos compatriotas, curvem-se mais uma vez ao prestígio impressionante do «lá jóra» — as apresentações corporativas destinam-se a mostrar um filme novo aos exhibidores, candidatos à sua projecção nas suas salas. A crítica não só é admitida, mas convidada a assistir a esses espectáculos. Pode assim informar o público com antecedência da qualidade das novas produções segundo o seu critério, o que só pode ser considerado prejudicial pelos comerciantes com alma de mixordeiro, que negocem em filmes como quem negocia em bacalhou.*

*Um distribuidor de filmes, sendo um comerciante, não pode esquecer, porém, que ganha o seu dinheiro à custa duma arte. No último «plano geral» de «Animatógrafo», disse-me as atenções que à arte merecia o comércio cinematográfico. E' justo que o comércio pague em idêntica moeda, respeitando os direitos morais do espectáculo, tal como quer que ele respeite os seus interesses materiais.*

*Não compreendemos a relutância que os distribuidores portugueses sempre manifestaram pelas exhibições prévias dos seus filmes. A verdade é que lhes faz uma confusão de trezentos diabos a ideia de que vão devassar antes de abrir a bilheteira, os segredos dos seus preciosos rolos de celuloide. Para não atribuímos a ovariza — que não é, pois todos eles têm a borla fácil... — só o explicamos por falta de confiança na assistência.*

*Ora nós não acreditamos que os membros da corporação cinematográfica se não saibam portar e convenientemente em tais sessões. Sabem todos perfeitamente que, não estando ali por favor, são contudo convidados — o que implica o cumprimento rigoroso das leis eternas da cortesia. Sabem que não é bonito fazer comentários em voz alta. Que não é próprio sair e dizer a toda a gente que o filme é uma borracheira. Que não está certo que se chegue tarde, incomodando toda a gente na conquista ruidosa dum lugar.*

*Em França, por exemplo, nos estatutos da Chambre Syndicale há um capítulo regulando a forma como deve portar-se a assistência nas apresentações corporativas. Nós não temos câmara sindical, somos todos brutos de nascença, mas qudsi todos tomamos em pequeno uma dose suficiente de chá para que essa violência ingênita que nos vem dos afonsinhos adquira aspecto compatível com o direito de reunião.*

*A forma como decorreu a primeira apresentação da Agência H. da Costa é de molde a sossegar os espiritos mais apreensivos.*

*Só estranhámos a frieza voluntária com que a assistência seguiu as peripécias do filme, que fizeram rir a bom rir, em noites consecutivas o público pagante. E' da mais elementar delicadeza sublinhar com aplausos as menores passagens do filme projectado durante qualquer apresentação particular. Mas discutir semelhante atitude seria levantar uma questão melindrosa, que várias vezes nos tem ocupado — sempre, confessamo-lo, com resultados negativos.*

*Eu d -propósito que não nos referimos ainda aos assinantes de «Animatógrafo», que a Agência H. da Costa tem a gentileza de admitir nesses espectáculos excepcionais.*

*Partimos do princípio que essa situação de favor iniludível, que a Agência aliás não nos lhe ae nenhuma forma sentir, é suficiente para implicar o cumprimento de todas as suas obrigações de convidados.*

*«Animatógrafo» não pode na sua consciência deixar de se pôr incondicionalmente ao lado da iniciativa de H. da Costa, agradecendo em seu nome aos dois únicos jornais que compreenderam o alcance e retribuíram com elegância a amabilidade dos convites: o «Noticios Ilustrado» e o «Diário da Manhã».*

*Para se fazer alguma coisa disto (referimo-nos à corporação) é preciso teimar e arrostar com a indiferença inexplicável de tanta gente que não sabe o que quer — e pede exacta e sistematicamente o contrario daquilo que lhe dá. H. da Costa sabe-o tão bem como nós.*

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

mais tempo. Vai portanto ser necessário contratar mais gente, mais meninas, mais senhores e comprar mais fita virgem para fotografar isso tudo. Vocês estejam descançadas porque talvez tenham cabidela nas «Pupilas do Sr. Reito» como vocês sabem, são muitas...

## «Cinéfilas, precisam-se»

Vimos há dias no «Diário de Notícias», com uma natural surpresa, um pequeno anúncio pedindo ás raparigas que quisessem fazer cinema a fineza de comparecerem nos estúdios da Rua da Esperança, 146-1.º Esq., onde havia necessidade de figurantes para filmes. Não sabíamos de que se tratava e nem sequer averiguamos contentando-nos em achar extravagante a aparição de semelhante anúncio.

Dias depois recebíamos na nossa redacção uma carta da «Associação dos Amadores Cinematográficos de Portugal» organização dos pequenos accionistas da Comp. Port. de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm, pedindo a nossa comparencia no domingo 7 nos seus estúdios e laboratórios da Rua da Esperança 146 1.º Esq. Como pode supor-se a nossa surpresa cresceu. Cresceu mas não ficou por aí. Hoje recebemos uma nova carta assinada por uma comissão de socios dissidentes daquela organização pedindo tambem a nossa assistência à assembleia geral de domingo, onde a referida comissão pretenderá pôr termo á indisciplina que se observa nessa colectividade.

Tudo isto nos pareceu imensamente confuso e abstrato. Então os pequenos accionistas da Tobis Portuguese criaram uma associação, possuem laboratórios e estúdios e querem cinefilos desempregados???

Não compreendemos e não queremos fazer comentários por enquanto. Só vendo.

## Arthur Duarte

Tivemos o prazer de abraçar o nosso amigo Arthur Duarte, artista português que soube conquistar pelo seu próprio esforço uma posição invejável no meio cinematográfico europeu, e que se encontra de novo em Portugal.

Arthur Duarte que é um amigo devotado do «Animatógrafo», acedeu ao convite que lhe fizemos no sentido de publicar nas nossas páginas as suas curiosíssimas memórias. Todos sabem que Arthur Duarte acompanhou desde o seu início a actividade cinematográfica em Portugal.

Os acontecimentos desses tempos «heroicos» e a sua longa permanencia nos melhores estúdios alemães em convívio constante com interpretes e realizadores, são um manancial de revelações e aneddotas que certamente vão deliciar os nossos leitores.

NA PROXIMA QUINTA-FEIRA, 11 DE MAIO, ÀS 15 HORAS, REALIZA SE NO

## CENTRAL

A 2ª MATINÉE CORPORATIVA DA AGÊNCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA Lda, RESERVADA EXCLUSIVAMENTE Á IMPRENSA E AOS MEMBROS DA CORPORACAO CINEMATOGRAFICA, COM A ESTREIA EM PORTUGAL DA PRODUÇÃO U. F. A. DE ERICH POMMER

## «A Imperatriz e Eu»

Realização de FIEDRICH HULLA DER com LILIAN HA VEY, CHARLES BOYER e PIERRE BRAS-EUR

OS ASSINANTES DE

## ANIMATÓGRAFO

TÊM ENTRADA

GRATUITA

MEDIANTE A SIMPLES APRESENTAÇÃO AO OS SEUS CARTÕES

# Panorâmica

Não percam a esperança

As duzentas concorrentes do concurso da Tobis que não foram seleccionadas, escusam de tomar já, já, sublimado corrosivo. O filme do Telmo é a precisão que ainda vai na rua. A

Tobis portuguesa não tenciona fechar a porta depois de realizar a *Canção de Lisboa* nem tampouco cristalizar o seu «casting» na dúzia e meia de raparigas felizes que vão interpretar a «Canção de Lisboa». A C. P. F. S. tenciona fazer muitos filmes depois deste, lamentando apenas não lhe ter sido possível principiar há

# Notas da Canção de Lisboa

## Vasco Santana

## José Galhardo

## Carlos Botelho

## e algumas selecionadas escrevem para ANIMATOGRÁFO

POR OLAVO



«Esteja descançado, Vasco, não v. nho entrevista-lo. Fsse genero está de tal modo exgotado que já não ha maneira de lhe dar uma forma suficientemente original para não chatear o publico».

O Vasco e o seu pijama de riscas asues sentaram-se num mape e olharam para mim. O pijama parecia admirado com a minha presença e com a minha frase mas o Vasco, *O meu menino*, já me conhecia de gingeira e concordou logo. Realmente uma entrevista era uma estucha!... não para ele, é claro, que estava dispostissimo a ser entrevistado. Mas lá que era uma estucha, era, para o publico e para mim.

Ficámos tristissimos e tentamos reflectir. O pijama do Vasco tambem estava socumbido e reflectia.

Mas nenhuma ideia, nenhuma solução iluminou os nossos cerebros retraidos pelo terror do lugar comium.

Começamos então, sem querer, a falar doutras coisas que não tinham, mesmo nada, aspecto de entrevista e apenas vinham, vagamente, a proposito.

Esboçamos muito a sério uma discussão animada sobre o problema intimo do pijama. — Em casa, dizia o Vasco, estou sempre de pijama. Só me visto de gente para sair, etc., etc....

Voltámos ao assunto do principio. O principal era o seguinte: Os leitores de «Animatografo» queriam conhecer a opinião cinefila do Vasco, mas sem entrevista.

Quere você — perguntei — escrever, umas larachas pouco sérias sobre o assunto?

O Vasco é uma pessoa gentilissima e garantiu-me logo, com exagero, que estava radiante com a ideia.

Dava-me o artigo naquela mesma noite.

Fiquei satisfeito mas logo a seguir, desconfiei porque o pijama do Vasco sorria com um cinismo desusado.

Daria o Vasco, o artigo, ou não daria? Isto de actores, pensei, são todos uns aldrabbes. Nunca fiando.

Naquela noite não me apareceu ninguem: Nem o Vasco nem o artigo. Adormeci num divan, fulo, á espera:

Mas no dia seguinte (ah! o dia seguinte das tragédias...) bateram levemente á minha porta. Fui logo abrir, ansioso, e o artigo do Vasco entrou em minha casa, aos pulos, vestido á marinheira, gritando: cá está o artigo do Vasco, cá está o...

### Tobis or not Tobis

A Tobis já tem três camions: o camion do som, o camion da luz e este vosso criado. O engenheiro Wohlrahe já experimentou os dois primeiros com exito absoluto e um dia destes vai pôr a funcionar, para o que o Cofinelli já *desarrincou* numerosos «gags». Eu é que já estou «gag» com o susto! Valha-me Deus! Estou cheio de terror. O cinema não me sai da cabeça nem a dormir me larga. Ontem tive um pezadelo horrivel!!

Sonhei que estava a filmar em Hollywood e que a «Canção de Lisboa» se tinha transformado na «Lisbon Melody» — e que era um filme «Paramount».

Tinha acabado de me divorciar pela oitava vez da Joan Crawford e o Douglas Fairbanks, filho, raivoso e espumando de ciúmes, estava á minha espera com um grande bengalão á porta do meu «bungalow» em Beverly Hills. Saltei ágilmente para o meu magnifico avião de caça e, sempre com o Douglas atraz de mim, vim aterrar na quinta das Conchas onde o Telmo me aguardava impaciente para ouvir a minha opinião sobre uma concorrente do Concurso da Tobis que estava a prestar provas e que vinha muito bem recomendada...

Aproximei-me e — oh, ceus! A concorrente era a Mac-Donald que junto ao piano, experimentava a voz com o maestro Re ié Bohet! Ao ver-me, dirigiu-se-me com ar supplicante, pediu-me que a protegesse na carreira que ela pretendia seguir e entregou-me uma carta de recomendação dum tal Charlie Chaplin actorzeco anglo-americano...

Tomei uma attitude superior e resolvi examina-la com ares entendidos.

As raparigas selecionadas para interpretar «A Canção de Lisboa». De cima para baixo — á esquerda Covália Escobar, Maria Leonor, Clotilde Martins e Marcelina Monteiro; á direita: Maviá Matos Pereira, Olga Vieira, Polymar e Alzira Côsme.

De repente a cara principiou a alterar-se-lhe; os dentes a crescerem, a testa a diminuir... da garganta saíram-lhe uns sons rouquinhos e a «vedette» transformou-se rapidamente no Mister Hide do *Medico e o Monstro!*

Começou a avançar, a avançar para mim e deitou-me as garras ao pescoço para me estrangular, com volúpia. Eu queria gritar e não podia! Um suor frio escorria-me da testa e puz-me a pensar: que pena!

Agora que eu ia fazer um filme, o que era toda a minha ambição.

E o Cottinelli que me tinha feito um argumento mesmo á medida!

E o José Galhardo que tinha escrito uns diálogos tão engraçados e umas canções tão reinaditas! E o monstro apertava, apertava sem piedade e ao mesmo tempo abanava-me, abanava-me furiosamente...

N'esta altura acordei e, em «fonda», apareceu-me o «gros-plan» da minha velha criada, que me abanava e me dizia:

— «O' menino Vasquinho! O senhor Olavo manda pedir o artigo para o «Animatografo» que tem de sair por força depois de amanhã!» —

Dei um pulo na cama e exclamei:

— Ai, Jesus!

E eu que nunca mais me lembrei de escrever o artigo!!

Vasco

### Declarações interessantes de José Galhardo sobre os diálogos para a «Canção de Lisboa»

Convidamos também o José Galhardo a auto-entrevistar-se para o «Animatografo». Apareceu em minha casa na quinta-feira ás duas horas da manhã, de taxi, acompanhado pelo Vasco Santana que ainda vinha de pijama com uma gabardine por cima. Trazia o artigo.

Fiquei admiradíssimo porque já tinha pensado outra vez que isto de gente de teatro era uma aldrabice pegada.

Afinal reconciliei-me com a classe. São tipos fixos.

Bebemos um Porto que não era mau e o José Galhardo leu o artigo que era bom. Agradei e falemos de mulheres. Falamos muito de mulheres com a habitual brutalidade que os homens utilizam quando estão sós e chegamos á conclusão fácil de que eramos uns devassos.

Mas deixemos por agora essas loucuras e vamos ler o artigo do José Galhardo que de colaboração com o Vasco Santana está a escrever os diálogos para a «Canção de Lisboa».

### A «Canção de Lisboa» — Os diálogos dum filme português

O mesmo argumento pode dar indiferentemente um bom ou um mau filme. Nos tempos do cinema tudo dependia da realização, como tivemos ocasião de constatar ao compararmos Os Miseráveis produção americana, que Farnum representou, com o filme europeu do mesmo titulo, interpretado por Gabriel Gabrio, que era moroso e sem interesse.



Hoje, no domínio do cinema sonoro e falado, é ainda a realização o principal factor do êxito, mas nêlo outros elementos influem também e, entre êles, com grande relevo, a forma como o argumento está dialogado.

O diálogo duma comédia cinema tográfica difere inteiramente do chamado «poema» duma obra teatral. Tem de ser mais rápido, mais incisivo, cortado e os seus efeitos não admitem longas preparações.

Além disso tem de jogar permanentemente com a parte visual do filme, com os seus «gags» e com o seu ritmo variado de imagens, que em nada se parece com o duma peça de teatro, encaixada em geral dentro de três únicas cenas.

Há ainda que atender a um ponto importantíssimo: a fonogenia especial de cada idioma. Há sons bons e sons maus para o cinema e êsses sons são diferentes de lingua para lingua.

Por tudo isto o filme fala e exige «paroliers» especializados. Os escritores teatraes têm talvez mais facilidade do que quaisquer outros em se embrenharem na técnica especial do diálogo fonocinematográfico, visto que do teatro já trazem regras de simplicidade, estilo corrente e clareza. Mas, que se não iludam! A sua preparação é insuficiente. O que é indispensável, sobretudo, é conhecer cinema, cinema e mais cinema! O filme que o dialogador transforma em «teatro cinematografado» é sempre uma obra falhada!

Tudo isto eu ponderei quando fui convidado pela Tobis para versejar e dialogar a «A Canção de Lisboa».

Fui obrigado a confessar á minha consciência que era um inexperiente, apesar das minhas trinta e três peças representadas e tive momentos de autêntico terror das responsabilidades!

Mas depois pensei: tenho vinte e sete anos, sou furiosamente cinéfilo e estou muito bem acompanhado... «Alea facta est!»

Confio cegamente no espirito dessempeirado e inteligente do Telmo, que decerto nos vai dar mais um «edifício» moderno e arejado, como todos os que constrói.

Quanto ao Vasco, tenho a certeza de que vai triunfar! A sua alegria, o seu talento juvenil e a sua graça irresistível, tão comunicativa e tão natural, garantem só por si o successo da nossa «Canção»! Habituei-me a admirá-lo sem reservas no teatro e estou certo de que vai ser em cinema aquela estrêa de primeira grandeza cujo filho já hoje ninguém pode ofuscar em palcos portuguezes.

José Galhardo

### Carlos Botelho, assistente de Cottinelli Telmo escreve também algumas palavras sobre a «Canção de Lisboa»

Carlos Botelho o assistente do Cottinelli Telmo não podia também calar-se neste momento oportuno. A sua colaboração na salada russa que dedicamos hoje ao primeiro fonofilme da Tobis portuguesa era indispensável. Mal lhe falamos nisso e logo o nos o pintor amigo se prestou

De cima para baixo: Zéca Fernandes, Maria Adelaide Boba, Maria Celeste Moreira e Ivonne Fernandes.





O Dr. Antonio da Fonseca falando com os críticos nos escritórios da C. P. F. S.

Foto-Olavo

a escrever para «Animatógrafo» o que pensava sobre a «Canção de Lisboa» e as inesperadas funções de que se via incumbido. Foi pontual no cumprimento da sua palavra o que muito me espantou porque também não tenho confiança nenhuma na pontualidade dos pintores...

Chut! Silêncio!... o Carlos Botelho vai falar:

**Canção de Lisboa** — o primeiro filme feito em Portugal por portugueses. — Este facto representa, só por si, a grande força que vai obrigar todos os colaboradores a pôr na sua execução **todo o que de melhor souberem**, todo o seu esforço.

Espero por minha parte ser um útil assistente do Telmo porque já não é a primeira vez que com ele colaboro; em muitos dos seus trabalhos de arquitectura e decoração, tenho como pintor, dado o meu modesto auxílio.

Alem disso já somos camaradas desde o tempo do liceu o que nos dá uma falta de protocolo... que facilita imenso o trabalho.

O filme ha-de resultar bom, porque todos assim o pretendem, constituirá um espectáculo alegre e fresco, pelas suas pequenas, muito engraçado pelos seus actores cómicos, e em que as imagens virão naturalmente ao encontro do publico, sem que o seu cerebro se tenha de

cançar a procurar entende-las, porque para se maçar basta a vida de cada dia.

Carlos Botelho

**Polymar, uma das mais gentis selecionadas escreve-nos uma carta onde nos fala da «Canção de Lisboa» mas principalmente de si**

Só nos faltava agora uma fruta preciosa para completar a salada que tivemos a fantasia de oferecer aos nossos leitores, uma carta duma cinéfila que fizesse parte das dezasseis selecionadas no certame da Tobis Portuguesa.

Não era difícil. Lembrei-me logo da Polymar que era a que eu conhecia melhor e a que eu calculava possuir mais possibilidades de redacção.

Telefonei-lhe: «Precisamos duma coisa escripta por si para o **Animatógrafo**. Diga o que quiser. Fale do filme, fale de si, do medo que tem, etc, etc...»

No dia seguinte, chegava a carta da Polymar:

Meu caro Olavo:

«Emfim... temos um Stúdio que é nosso.

Estou doida de alegria porque creio que serei uma das interpretes do primeiro fonofilmado realizado em Portugal.

Você deve lembrar-se, Olavo, que, muito, garota ainda, tive sempre uma aspiração que nunca supuz poder realizar: fazer cinema; poder ver-me e ouvir-me confortavelmente sentada em qualquer sala de espectáculos.

E sabe porque nunca supuz poder realizar esta aspiração? Porque nunca pela minha cabeça passou a idea de poder haver um Stúdio entre nós. Não, porque Portugal não seja uma nação digna de o possuir, mas, única e simplesmente porque a maior parte dos portugueses, como meridionais, não ajudariam a realização de tão grande obra. E quando surgiu a idea de se construir o Stúdio fiquei num estado de alma absolutame te contraditório: extraordinariamente contente e infinitamente triste.

Contente, porque é na verdade motivo de regosijo para todos nós a idea do Stúdio; triste porque supuz acontecer comigo a história do... **há mas são verdades...** e digo isto porque por variadíssimos motivos julguei nunca poder realizar o meu sonho doirado.

Mas... que feliz desilusão se deu comigo!!!

Sim, verei consumado o meu ideal. E agora que já me posso considerar uma interprete da **Canção de Lisboa**, que horrivel medo se apodera de mim. A idea de que todos os meus movimentos, tôdas as minha palavras, ficarão registadas!!!

E' assustador, creia.

E quantas vezes succederá eu estar ingenuamente ouvindo contos, não digo á lareira porque já não se usa, de alguma ama velha e... estar ao mesmo tempo no ecran, travessamente sorrindo para algum galã.

Escrever-lhe-hei muito brevemente.

Um aperto de mão leal da

Polymar

**Nos escritórios da C. P. F. S., Cottinelli Telmo fez algumas declarações á imprensa cinematografica, fazendo tambem a apresentação official das dezasseis concorrentes seleccionadas**

Os criticos cinematográficos receberam um convite da C. P. F. S. para se apresentarem nos escritórios da Companhia, onde o realizador da **Canção de Lisboa** comunicou algumas coisas interessante sobre o andamento dos trabalhos do seu filme e apresentou o mais officialmente que pôde as dezasseis figuras secundárias femininas da «Canção de Lisboa».

(Continúa na pag. 18)



Cottinelli apresentando aos criticos as seleccionadas do certame da C. P. F. S.

Foto-Olavo (películas Persenso-Perutz).

De cima para baixo: Fernanda Campos Pereira, Lucia Cottinho, D. Lindia Gonçalves e o maestro René Bohet.



# Hollywood

## contra os artistas europeus

O pânico apossou-se da colónia estrangeira de Hollywood.

A causa de tão grave acontecimento está personificada em Murray W. Garsson, secretário do Ministério do Trabalho, o qual chegou há pouco a Hollywood, vindo de Washington com o encargo especial de saber quais são, dentre as vedetas e aspirante a estrélas, estrangeiras, as que se encontram na América ilegalmente, e certificar-se ao mesmo tempo se as que tiverem de abandonar os Estados Unidos, o fazem realmente sem iludir a possível boa fé das autoridades da emigração, e o mais depressa que a conclusão dos seus negócios o permita.

O resultado imediato desta atitude do Governo yankee é o de que a grande maioria dos artistas visados está procurando legalisar a sua situação de estrangeiro e, por outro lado, aqueles a que isso lhe é de todo impossível, tentam por todos os meios dar um aspecto elegante à sua forçada partida...

É possível que seja pura coincidência, mas não deixa de ser curioso o facto do Marquês de la Falaise e sua mulher, Cons-Bennett, terem partido para a Europa justamente três dias depois de Henri de la Falaise, cidadão francês, ter sido chamado à presença das respectivas autoridades... Assim, por este andar, dentro de dois meses o núcleo de estrangeiros deve estar reduzido a um número limitadíssimo.

Segundo Garsson, qualquer personalidade estrangeira — artista, cenarista, realizador ou técnico — terá de justificar, por meio da respectiva documentação em ordem, a sua presença na livre América.

Os que não conseguirem provar que estão dentro da lei, serão obrigados a partir no mínimo tempo indispensável.

«Não faço ideia do número de estrangeiros que vivem em Hollywood ilegalmente. Mas o que sei é que toda essa gente terá irremediavelmente de voltar aos respectivos países de origem. Vamos convidá-los a sair. Se o não fizerem voluntariamente serão prêso e deportados, muito simplesmente».

Entre os artistas estrangeiros cuja documentação está sofrendo investigações contam-se os nomes de George Arliss, famoso no teatro e no cinema, Charles Chaplin, Elissa Landi, Marlene Dietrich, Lupe Velez, Lili Damita, Maureen O' Sullivan, Nils Asther, Talla Birell, Anna Sten, George Brent, Diana Wynyard, protagonista de *Cavalcade*, o tão falado filme da «Fox», Clive Brook, Ronald Colman, Mona Maris, Leslie Howard, David Manners, Colin Clive, o *Frankenstein* do filme do mesmo nome, Lyda Roberti, Benita Hume, Ivan Lebedeff, Lilian Bond, Gwili Andre, Ralph Forbes, Wera Eugels, Boris Karloff, Bela Lugosi, Sari Maritza, Paul Lukas, o Marquês de la Falaise e um grande número de actores de pequena categoria, assim como técnicos, encenadores, argumentistas, etc.

Em resumo, os papeis de todos os estrangeiros serão verificados, especialmente os daqueles que não estejam sob contrato de qualquer empresa, visto que quanto aos outros as próprias companhias, na ocasião da assinatura do respectivo contrato, têm o cuidado de verificar se a documentação deles está ou não em ordem. Esta atitude das autoridades para com os estrangeiros teve origem, segundo declarou W. Garsson, nos protestos da Actor's Equity Association, onde estão inscritos todos os artistas americanos do teatro e do cinema, e do Lambs Club de New York, composto exclusivamente de actores. Estes organismos desde há tempos que vêm protestando junto do Ministério do Trabalho. Esses protestos referem-se, sobretudo, ao afluxo de actores estrangeiros, que segundo afirmam, estão espoliando os americanos, pois ocupam situações que a estes de direito pertenciam.

«Temos sido sempre o mais amável que é possível para com os artistas de fóra, disse Garsson. Temos procurado tratá-los com a maior delicadeza. A todos eles temos concedido licen-



O célebre perfil de Clive Brook

ças de seis meses para residirem em território americano. Contudo, na maioria dos casos, têm abusado da nossa boa hospitalidade, ficando o tempo que lhes apetece. Agora, porém, estamos dispostos a acabar com tal. Isto, aliás, apenas com o intuito de protegermos os actores e as actrizes americanas. O que hoje está sendo feito, já de há muito podia ter sido resolvido se os artistas nacionais tivessem feito ouvir, como agora, os seus protestos. Procurei saber a razão desse silêncio. Explicaram-me que temiam as represálias dos magnates do cinema. Afinal esses receios careciam absolutamente de fundamento, porquanto os próprios dirigentes dos estúdios estão colaborando connosco, interessadamente.

«É absolutamente indecoroso como as artistas estrangeiras têm usado e abusado no nosso país dos seus privilégios. Legiões deles, sem terem trabalho assegurado, positivamente ao acaso, chegam a Hollywood, onde a pouco e pouco vão conseguindo uma situação, em detrimento dos nossos compatriotas.

Muitos deles, até, trabalham mediante salários muito menores do que aqueles com que os americanos costumam fazer-se pagar, mais os prejudicando com isso».

Muitos artistas, mais de uma dezena deles, prometeram já a Garsson que dixeriam Hollywood logo que os seus respectivos negócios pessoais se encontrassem concluídos. Se torem além do tempo indispensável, a lei cair-lhes-á em cima sendo-lhe dado destino quando menos esperarem.

«O projecto Dickstein, neste momento em discussão no Parlamento, esperando-se quasi com a certeza que seja transformado em lei, vem resolver o problema do artista estrangeiro, afirma W. Garsson; ocasionará alterações que devem, pois, afectar grandemente a colónia estrangeira de Hollywood».

«O projecto Dickstein, afirma com convicção Mr. Garsson, vai ser um optimo acontecimento para aqueles americanos — homens ou mulheres — que ganham a vida trabalhando no teatro ou no cinema. Ele proíbe terminantemente a entrada na América a artistas, encenadores, técnicos, etc., a não ser que cabalmente se prove o seu grande mérito, o seu génio. Legislação semelhante está, aliás, em vigor em vários países, no que respeita os artistas americanos. Por isso não deve causar estranheza a nossa atitude de defesa própria».

«A nenhum actor, actriz, director, escritor ou técnico, que venha tentar aqui a sua sorte, será permitida a entrada. Acabou-se o abuso de, por exemplo, uma actriz gosando um contrato gastar um ano e mais para aprender o inglês, antes que possa aparecer num filme. A's empresas produtoras não será permitido contratar ninguém nessas condições, salvo com uma autorização especial, além de que não será permitida a presença

(Conclui na pág. 18)



Bons tempos, aqueles em que Marlene ainda não usava calças...

# D. QUIXOTE



PABST, o prodigioso animador de tantos filmes admiráveis, nunca teve medo das que escolheu para os seus filmes. Desde *A Rua sem sol* que os argumentos do mestre al emão são de molde a esmagar o mais pintado. *A Tragédia da Mina*, *A Opera de Quatro Sous*, a própria *Atlântida* apresentavam dificuldades de realização quasi insuperáveis — para outro que não fôsse G. W. Pabst.

Agora foi mais longe ainda. O seu novo filme é a transposição cinematográfica da obra imortal de Cervantes, *D. Quixote*. Quem leu alguma

as aventuras do engenhoso fidalgo adivinha obstáculos que ela antepõe ao realizador. Pabst venceu-os todos, com os seus conhecimentos, o seu gosto, a sua segurança. E com os colaboradores que sempre sabe escolher. A adaptação cinematográfica é de Paul Morand; os diálogos são de Alexandre Armoux. *D. Quixote* é interpretado pelo incomparável Chaliapine, que pela primeira vez aparece e canta no ecran. A fotografia é do famoso Nicolas Farkas. Os cenários são de Andreew e a música é de Jacques Ibert.

Ao lado de Chaliapine, veremos Dorville, em Sancho Pança, Donnio, em Simão Carrasco, Arlette Marchal, Mady Berry e outros artistas excelentes.

*D. Quixote* estreia-se hoje no São João, do Porto, apresentado pela Agência Cinematográfica H. da Costa.



# Actualidades Mundiais

ANIMATÓGRAFO

A VIDA INTIMA DE TODAS ESTRELAS  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS ESTUDIOS

## CHEVALIER

parte inesperadamente  
para a América

Maurice Chevalier, que há apenas um mês chegara a França onde vive, segundo ele próprio então o afirmou, com a intenção de interpretar um filme francês feito segundo um argumento de Marcel Pagnol e de reaparecer no music-hall, partiu de novo, inesperadamente, para Hollywood a bordo do *Ile de France*, em que viajavam também Charles Delac, presidente da Camara Sindical Francesa da Cinematografia, que se dirige ao Canadá, e Edouard Herriot.

Conquanto nada de positivo se saiba, há no entanto quem relacione essa subita partida com o boato ultimamente posto a correr do próximo casamento de Maurice com a condessa Henriette de Hasse, divorciada do Conde Alain de Villeneuve e residente na Califórnia. Tanto mais que Chevalier declarou aos jornalistas que estaria de volta à França dentro de dois meses.

## Charles Rogers

volta ao cinema

Charles «Buddy» Rogers, que chegou a ser, aqui há uns anos, a figura masculina de maior prestígio no elenco da Paramount e um dos mais populares galãs do cinema americano, quando há cerca de dois anos terminou o contrato que o ligava a aquela empresa, não só esta lhe não renovou como não conseguiu, até, ingressar em qualquer outra companhia. Por isso se viu obrigado a organizar um grupo de Jazz que depois de aparecer em 1931 no Ziegfeld Follies na revista *Hot-Cha*, de que Lupe Velez fazia então parte também, percorreu em *tournee* os Estados Unidos.

Agora porém, as suas admiradoras fiéis tem motivos bastantes para se considerarem felizes: Charles Rogers voltou finalmente ao cinema, estando neste momento interpretando ao lado de Marion Nixon o filme *Five cents a glass* (Cinco centos o copo), uma película da nova série dos «filmes de cerveja» que recentemente entusiasmam os produtores de Além Atlântico...

## MARLENE

vai interpretar  
"NANA"

Segundo informações muito recentes, de origem americana, a notícia do próximo ingresso na Fox de Joseph von Sternberg e de Marlene Dietrich, logo que esta tivesse concluído «*Song of Songs*», parece não se confirmar. Assegura-se antes, que Sternberg e Marlene assinaram já um contrato com o produtor Samuel Goldwyn, recém-chegado da Europa, para a realização de dois filmes. A primeira dessas películas será a adaptação cinematográfica de *Nana*, o conhecido romance de Zola, ideia de que há muito Sternberg acariciava.

De *Nana* foi feita já há uns anos em França uma versão que Jean Renoir dirigiu e Catherine Hessling, Werner Krauss e Jean Angelo interpretaram.

## BETTY COMPSON

casou com Jimmy Walker

Betty Compson, uma boa actriz a quem o fonocinema tem tão pouco favorecido, acaba de se casar.

O novo marido de Betty é nem mais nem menos que o antigo governador do Estado de New York, o célebre Jimmy Walker, a quem uma série de escandalosas negociações em que estava envolvido, e feitas à sombra do seu elevado cargo, forçou a abandonar tão importantes funções. O enlace realizou-se em Cannes, onde os noivos residiam desde há algumas semanas.

Betty estava há três anos divorciada do encanador James Cruze.

O ultimo filme de Betty é *Destination Unknown* (Destino desconhecido) da Universal.

## Henry Garat

vem á Europa

Henry Garat, que a Fox, tal como fez a Lillian Harvey, levou da Europa para o incluir no numero das suas estrelas de primeira grandessa, terá Lillian Harvey como *partenaire* no seu segundo filme para aquela empresa.

No entanto, logo que *Adorable*, que presentemente está interpretando com Janet Gaynor, esteja terminado e antes de ser iniciada a realização daquele autor, Henry Garat virá á Europa outro interpretar dois novos filmes. Um deles será feito por conta da Paramount e o outro para a U. F. A. Espera-se pois, por todo este mês de maio, a chegada de Garat a Paris.

vai publicar  
EXTRAORDINARIAS  
REVELAÇÕES

sobre a vida de

GRETA  
GARBO

Coisas que nunca foram escritas!

## Flashes

Monte Blue, o interprete de *Sombrias Brancas* está agora interpretando, depois de uma longa ausencia da tela, o filme da Allied Pictures *Officer 13*.

■ *Cracked Ice* (Gelo quebrado) de que os irmãos Marx são os protagonistas é uma parodia aos filmes passados no Polo Norte.

■ Ronald Colman que recentemente acabou de interpretar *Cynara* deixou Hollywood por Inglaterra, onde se demorará alguns meses.

■ J. Darsie Lloyd, pai de Harold, chegou agora a Hollywood acompanhado de sua nova mulher, Helen Marshall, depois de cinco meses de lua de mel.

■ Barry Norton, que desde *Mata Hari* andava afastado dos estúdios está presentemente interpretando para a Paramount *Luxury Line* de que são interpretes também Alice White, Georg Brent, Zita Johann e C. Aubrey Smith.

■ A repartição dos impostos acaba de reembolsar John Barrymore em 40 mil dolares cobrados indevidamente em 1929.

■ A Metro vai realizar uma nova revista que intitulará, como a que fez em 1929, *Hollywood Review*, na qual aparecerão todas as suas vedetas.

■ Gladys Lloyd acaba de apresentar seu marido, o actor Edward G. Robinson, com um filho.

■ Cecil B. de Mille o famoso realizador de filmes de grande aparato, tendo concluído há mezes para a Paramount *O Sinal da Cruz* vai dirigir *The End of the World* (o Fim do Mundo).

■ Anuncia-se que Phillips Holmes o esplendido interprete de *O Homem que eu Matei* e *Um Valente*, se vai casar com Florence Rice, filha dum milionário da Califórnia.

■ Janet Gaynor renovou com a Fox o seu contrato por um periodo de mais um ano. Janet assinou o seu primeiro contrato com a Fox há seis anos, para *Hora Suprema*.

■ Miriam Hopkins e Frederic March vão ser os interpretes principais do filme da Paramount *The Great Magoo*.

## POLA NEGRI ESTÁ EM FRANÇA

Pola Negri, não há ainda muitas semanas, foi julgada pelos tribunais franceses por um processo de perdas e danos que lhe intentou a empresa Cineromans, a qual se viu forçada a contratar Marcelle Chantal para interprete do *Colar da Rainha*, realisado há uns quatro anos, em virtude de Pola se recusar terminantemente a interpretar uma scena desse filme em que tinha de desnudar um seio!

Polis agora acaba de chegar a Paris acompanhada de sua mãe, senhora francesa, em góso de alguns meses de férias.

Pola Negri, que terminou há mezes para a Radio o filme *A Woman Commands* em que, segundo a opinião de critica estrangeira, ela tem uma actuação primorosa apesar do pouco valor do filme, voltará a Hollywood em principios de Agosto para, sob as ordens de Ernst Lubitsch, interpretar um filme cuja acção se passa em Viena antes da guerra e no qual Pola incarna uma famosa artista de teatro do tempo. A seguir Pola Negri deverá aparecer num teatro de New York na peça *Voyage à Presbourg*.

Depois de *Madame Dubarry* de *Sumerum* e de *Paraiso Proibido* será, assim, uma vez mais dirigida por Lubitsch, seu cohecido do velho tempo do cinema alemão.





# RENE CLAIR

mestre-encenador, discípulo de

# CHARLIE CHAPLIN

TRÊS FOTO-  
GRAFIAS E  
UM ARTIGO  
ELUCIDATIVOS

DIZER que René Clair se inspira em Charlie Chaplin não é dar novidades a ninguém. Muito pouco se tem escrito contudo acerca dessa influência, não sabemos se em atenção a Clair se em atenção a Chaplin, e nunca lemos nada de preciso no sentido de ver até que ponto ela se exerce.

Não julgamos inútil nem inoportuno reparar essa falta, uma vez que René Clair é, sem dúvida alguma, a personalidade cinematográfica europeia mais digna de interesse — Pabst e Fritz Lang já estão pouco menos que esgotados como «temas» cinéfilos — e porque se estreia amanhã em Lisboa o seu último filme.

Nós já o vimos, por dever de ofício. Mas experimentámos, como qualquer cinéfilo irresponsável, o prazer espiritual que sempre nos provoca uma obra notável de cinema. Não sendo o melhor filme de Clair — ó inolvidável *Milhão*, inolvidável *Chapéu de Palha de Itália!* — é com certeza o mais humano, o que mais se aproxima da concepção realista do cinema, concepção que aliás só tem a nossa simpatia quando se apoia na fidelidade documental dum *Scarface*, no significado social dum *Tragédia da Mina* ou na psicoanálise profunda das *Raparigas de Uniforme*. Entendemos desde sempre que as realidades vulgares do dia a dia não têm, por si só, interesse cinematográfico. Como Eisenstein, nós somos pelo «filme de atracções», forte como espectáculo e consistente como obra de arte. Essas «atracções» podem ir buscar-se ao menos sugestivo *fait-divers*. Mas a preocupação da simplicidade não deve levar-se ao exagêro de procurar imitar a vida na sua desoladora monotonia.

É certo que houve um homem — Carl Dreyer — que conseguiu realizar um filme empolgante em redor da mais banal das histórias banais. Mas não nos esqueçamos de que, em *Amo e Senhor*, as «coisas» assumiam uma importância que não têm na vida, constituindo portanto *et quand même* — atracções.

O mesmo acontece nos filmes de Chaplin, onde tudo se passa no menos pitoresco dos mundos entre as personagens mais sem-sabor, mas onde as acções da figura central — Charlot — bastam para transportar tudo para além da vida, instalando-nos nos domínios próprios do cinema.

Em «14 de Julho» (como em «Sob os Telhados de Paris»), René Clair esqueceu-se por vezes de nos transportar. Nenhum filme de René Clair, contudo, se aproxima tanto da maneira de Chaplin. Não se sente o modelo, claro está. Clair tem personalidade de sobejo para não recorrer ao pasticho servil. Mas adivinha-se a obsessão constante de seguir os ensinamentos do mestre do *Peregrino* e da *Quimera*.

Deve atribuir-se em grande parte a culpa dessa «mania» aos críticos que o incessaram a propósito do *Milhão*, comparando, não sem motivo, o lirismo de certas cenas no palco da Opéra-Lyrique e os idílios de *Charlot ao Sol*. René Clair sentiu-se desde então discípulo oficial de Charlie Chaplin, a quem, declaradamente, já admirava acima de todas as coisas. É, mesmo sem querer, povoa os seus filmes de *chaplínicos* tão visíveis que ressaltam da simples comparação de duas fotografias.

Que ninguém suponha que preteademos diminuir com esta afirmação os méritos de Clair! Pelo contrário, deve admirar-se nele o único realizador que conseguiu, sem sacrifício do seu próprio talento, «apanhar» a maneira inconfundível do mestre, que é cinema puro. Lubitsch, no seu famoso «Leque de Lady Margarida», conseguiu somente equiparar-se a Chaplin na limpidez impecável da técnica.

Depois, o espírito latino de René Clair, a sua argúcia crítica de francês, a sua *morgue* de parisiense — flutuam e prevalecem a-pesar-de tudo. O chauffeur de «14 de Julho» tem o bigode e as calças de Charlot, mas fala o mais castiço *montmartrois*; a florista, que pode evocar a das «Luzes da Cidade», tem um coração de *midinette* autêntica; os garotos não podem ser filhos de judeus; os figurantes são verdadeiros *salespiétons*... E bastava a presença do velho pândego encasacado, a mais *lairiana* das personagens, para que a fita tivesse um cunho pessoal — e intransmissível... É certo que até ele, desta vez, imita um pouco os hábitos borrachos do milionário de *City Lights*... Mas não puer<sup>m</sup> os seringar o leitor com mais comparações.

Em todas as artes existem fontes a que, não só não fica mal, como até se aconselha, ir beber inspiração. Mais ainda: seguir à risca as suas indicações, as suas fórmulas, o seu estilo é prova cabal de probidade e de com gosto artístico.

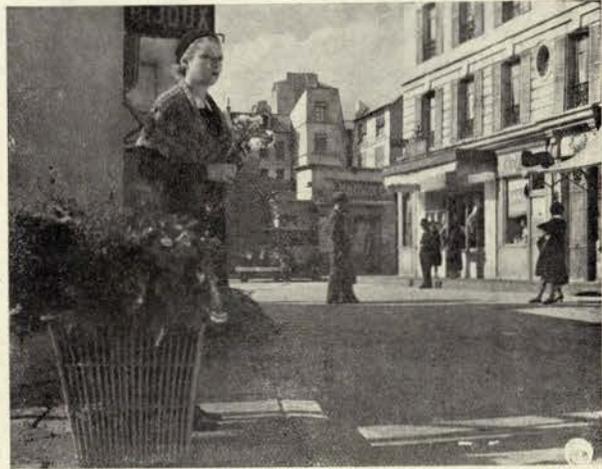
Da assimilação útil dos clássicos só pode resultar um módulo perfeito, muita vez mais belo e sempre mais consistente que da febre petulante de inovar a tórto e a direito.

Se alguns autores de cinema merecem a designação de clássicos, Charlie Chaplin figura à cabeça de todos eles. As suas obras menos *réussies* são prodígios de compreensão do animatógrafo. Um realizador que procure seguir o caminho traçado desde *Charlot e o piano* até à *Quimera do Ouro* (O *Cir-o* e as *Luzes da Cidade* são apenas obras de antologia, de revisão do próprio valor...) pelo mago de La Brea Avenue só pode merecer elogios dos críticos mais exigente.

René Clair, uma das mais apuradas sensibilidades do mundo do cinema, não pode furtar-se ao gosto de segui-las. Fá-lo da maneira mais hábil, mais serena, sem invocar em holocausto de Chaplin nenhuma das suas faculdades pessoais.

É um discípulo e é um mestre. Porque há que não ligar, por uma vez à ideia de discípulo a ideia de inferioridade em relação a outrem, quer em conhecimentos, quer em capacidades. Chaplin é o primeiro a dar o exemplo, intitulado se sem vergonha discípulo de Max Linder.

A. L. R.



# CRONICA DE COIMBRA DE HAROLD LLOYD AOS IRMÃOS MARX

TODOS nós, convictos e entusiastas apologistas do cinema, sabemos com que desprezo e repugnância certos indivíduos, que a si próprios se designam como *cultos*, como *intelectuais*, o consideram, quando por acaso desdenham referir-se a essa *pseudo-arte*. E é curioso que tais indivíduos se utilizam para esse fim de *provas* que não os desmentem, indubitavelmente: os maus filmes! E' como se quizessem provar a inferioridade da poesia, do romance, do teatro, etc., etc., citando unicamente os maus versos, os maus romances, as más peças de teatro! Mas deixemo-los em paz com as suas convicções; são doentes incuráveis, e não vale a pena discutir: voltemos-lhes as costas!

Há porém uma outra espécie de inimigos do cine: são os que pretendem que é nos de precisadamente aquilo que ninguém tem o direito de lhe pedir; os que são incapazes de compreender que o cinema tem a sua técnica própria, que não pode substituir nenhuma outra arte, e que precisamente o seu valor está na sua incompatibilidade com as fórmulas de expressão artística anteriormente conhecidas. E' por isso que tantas vezes dizemos dum filme: é mau teatro, ou é má literatura.

O cinema é um instrumento de visão inteiramente novo: e a arte do cinema precisa de se libertar das sugestões de maneiras de ver já usadas, e cujo emprêgo só lhe pode ser desfavorável.

Foram estas reflexões sugeridas por dois filmes recentemente vistos: *Louco por Cinema*, de Harold, e *Agulha em Palheiro*, dos irmãos Marx. O Riso tem sido, desde o nascimento do cinema, uma das suas cartas melhor jogadas.

A técnica do cinema presta-se a efeitos unicamente cinematográficos, a *gags* que nada devem ao passado de qualquer outra arte. Ora, o perigo está em não haver sempre a audácia necessária para aproveitar essas qualidades. Aqui temos dois filmes: o de Harold é, para meu gosto, dos seus melhores, duma sobriedade excepcional, muito equilibrado, sem abuso de situações absurdas. Com efeito, a *maneira* de Harold só tem a ganhar com a normalidade das situações: provocar situações excessivas é inútil e prejudicial, pois a personagem que encarna, a do desastrado, exprime-se perfeitamente nas situações mais banais. Pelo contrário, o género do filme dos irmãos Marx é completamente diverso: aqui é o absurdo que deve predominar, pois o riso é procurado precisamente pela imbecilidade e pela inércia das situações. Harold é um tímido desastrado que nunca está à altura de nenhuma situação (Há mesmo no filme um fragmento de diálogo que o define até ao intimo: é quando a estrêia que o ama lhe pede

um beijo, e ante a hesitação de Harold, tem esta frase admirável: — Não penses, senão atrapalhas-te!). Em *Agulha em Palheiro* há apenas a fantasia sem pés nem cabeça: Ora é aqui que me permito tomar a atitude da maioria do público — o qual não ficou lá muito entusiasmado. Certo é — perdôa, ó Público! — que não é precisamente pelas mesmas razões que eu não gosto. E' até por razões completamente diversas! O público, que mesmo quando ri gosta de lógica, achou o filme disparatado. Eu — perdôa mais uma vez, simpático Público! Não te zangues! — achi-o pouco disparatado. Pois se o absurdo, a inverosimilhança cômica, o disparate são a base do talento clownesco dos Marx, quanto mais absurdo, inverosímil e disparatado fôsse o filme, melhor teria atingido o seu objetivo! Acuso *Agulha em Palheiro* de ser demasiado sério, dum incompleta audácia na obtenção da poesia do absurdo. A propósito deste, e dum outro filme dos Marx, que não vi, tinha eu lido vários artigos que precisamente elogiavam essa alada fantasia, essa invenção desregrada,

sangue novo para a arte de fazer rir. E fiquei desiludido. E' só isto? Ora, ora... Quanto se poderia fazer com artistas como os Marx! Porque suponho que se deve atribuir ao realizador a insuficiência do filme. Ou talvez ao autor do cenário. Que importa? O certo é que se perdeu uma ótima ocasião de nos dar um grande banho de autêntica fantasia cômica.

O público, mais uma vez, revelou o fundamental amor da lógica que caracteriza o português. O que não quer dizer que o português seja lógico. Ai de nós, que tanta falta temos dela! Não, este amor da lógica é um aspecto do medular *carranducismo* nacional. Pois *podia lá ser* que se dessem coisas daquelas! E' assim que o português raciocina. Não tem mesmo asas nenhuma para a fantasia. E' incapaz de sentir que grande banho de liberdade, que ótima limpeza do excesso de seriedade a que estivemos sujeitos durante o dia, nos pode dar a poesia do absurdo. Sempre esta preocupação do *parecido*, que faz dizer que uma tela de Picasso *não se parece* com nada, e a música de Ravel *não se percebe*! Mas quando se compreendeu que a cópia e a imitação, ninguém é obrigado a aceitá-las?

Bem te conheço, virus realista! E's tu que te infiltraste em toda esta gente, e andas a matar a fantasia e a invenção, o absurdo e o inverosímil! Pois vivam a fantasia, e a invenção, e o absurdo, e o inverosímil!

Irra!!

ADOLFO CASAS MONTEIRO

## CRONICA DO PORTO

### «14 de Julho»

A corda da nossa sensibilidade baírrista vibrou mais uma vez: foi dada ao Porto a primazia de ver e ouvir «14 de Julho».

Como é natural, o Porto que tem aspirações a desenvolver-se e aproximar-se, em todas as manifestações de vitalidade, da sua eterna rival, Lisboa, sempre que os homens o brindam em primeiro lugar com uma deferência, «faz peito», enche-se de orgulho, não como a rã do arcaico Fedro, mas justo e prudente — à altura das circunstâncias.

Este estímulo que a vontade de se aproximar, tanto quanto possível de Lisboa lhe dá, tem sido um dos grandes factores do progresso tripeiro.

Se o Porto conquista um primeiro lugar num certame industrial, se inaugura um estabelecimento comercial que é o melhor do país no seu género, se leva a melhor à Capital numa prova desportiva, a população, habitualmente indiferente a qualquer dessas manifestações, exalta por indução.

Prova isto, simplesmente, o valor que os tripeiros reconhecem a Lisboa, cidade que vizitam por prazer, quando não por vício e que é a melhor joia que, como portugueses, gostam de fazer fulgir deante dos olhos dos estrangeiros.

Portanto, tratando-se dum filme, de valor antecipadamente admitido como irrefutável, que se exhibe no Porto ainda antes de ser passado na Capital, está erguida a primeira flâmula do seu triunfo.

Depois, é um filme de René Clair, que conquistou a gente tripeira com «Sob os telhados de Paris» e com o «Milhão», películas que não esquecem, das que deixam saudades...

Há, também, um elemento que contribui em grande parte para a vitória do filme: o ambiente em que a acção decorre, que, conquanto seja muitíssimo parisiense, é também, muito latino.

A vida de Paris por detrás dos «boulevards» assemelha-se de certo modo à de certos bairros do Porto e de Lisboa.

O «14 de Julho» é a festa popular dos franceses, assim como o Santo António e o S. João são os dias de gáudio dos alfacinhas e dos tripeiros.

Há balõesinhos nas ruas e nas janelas, cordões extensos de fiôres enraçadas, harmónios nas mãos dos conquistadores e sorrisos sedutores na boca das pequenas.

Deve ser assim o «14 de Julho».

### Desilude-te, pequena...

PORQUE sei da insistência com que todas as manhãs — e todas as noites — te miras e re-miras no espelho, enlevada pelo prazer naturalíssimo de te saberes bonita, considero-me, porque sou teu amigo, na obrigação de ensinar-te a vêr melhor, de abrir-te os olhos, os olhos da razão — bem entendido...

Ante — e depois de mim já muitos homens te chamaram bonita, com maiores ou menores filigranas de lisonja, despertando em ti o orgulho e a vaidade que, pouco a pouco fôste cultivando e que hoje, a muito custo, consegues dissimular.

Todos nós — eu e os outros — fomos para ti uns péssimos conselheiros, pois que alimentamos aquilo que havia em ti de menos valioso, de mais banal, fugaz e inconsistente: a beleza exterior.

Sinto hoje a nostalgia, quasi remorso, do arrependimento, por ter contribuído para que tanto tenhas cuidado de estilizar-te, perdendo horas e horas seguidas no tocador, compondo a ondulação, carminando as faces e os lábios, traçando o parêntesis das sobrelanceias e rendilhando as pestanas.

Essa adoração que cultivas por ti própria gerou no teu espírito a idéia de que poderias um dia dedicar-te ao cinema e ser em Portugal aquilo que é no seu país a *estrela* da tua preferência.

Sei que lêste no «Diário de Notícias» a comunicação de que, em Lisboa, as raparigas, bonitas como tu, estavam a ser submetidas a provas de selecção para a constituição do elenco feminino que há-de aparecer no primeiro fonofilm português. Fôste tu quem mo disse, com a alegria a iluminar-te o olhar, e eu pude, por falta de coragem, confessar-te o que pensei a tal respeito.

Andas sobressaltada, contando que a fotografia que enviaste ao «Diário de Lisboa» há-de vencer a todos à primeira observação.

Sossegue, sê calma, não vás tam depressa, ouve-me primeiro.

Noutro tempo, antes do cinema te ter invadido os sentidos, tinhas outras vocações; perdias noites entregue a leituras que eu te escolhia e ocupavas as horas disponíveis do dia com o piano, no qual tentavas interpretar os clássicos teus preferidos ou buscavas o acompanhamento para as canções em voga, que trauteavas.

Aparte o exagêro das leituras servidas sem moderação, tinhas nêsse tempo uma frescura natural, que hoje não possues.

Cuidavas menos de ti, da tua estética — re-

(Continua na pag. 18)



Harold Lloyd, visto por Covarrubias

### Seis horas de vida

(Six hours to live)

de WILHELM DIETERLE

É difícil encontrar argumento mais confuso, mais pretencioso e ao mesmo tempo mais oco e vazio. Não foi a ressurreição do homem que nos causou engulhos. Essa fantasia admite-se, da mesma maneira por que se admitiu a transformação do Dr. Jekyll em Mr. Hyde no *Médico e o Monstro*.

Evidentemente que ninguém acredita que um qualquer mortal, se beber um certo caldinho misterioso, deixa de ter mão em si e fica abandonado aos seus instintos bestiais, para já não alar na metamorfose física, que de resto era desnecessária. Mas finge-se que se acredita, faz-se essa concessão sem esforço, desde que ela sirva para alguma coisa. Aqui semelhante condescendência e mal empregada, porque não se souberam servir dela e custa a conceber porque a história não nos preparara para isso.

O capitão Oslow, delegado da Sylvária a uma conferência econômica mundial, ama uma donzela, que no princípio é valente e depois é pié-gas, e que além de tudo é duquesa. O capitão defende os interesses do seu país ferocemente, desafiando a morte que uma turba exaltada e uns impassíveis asiáticos de olhares frios lhe prometem. A duquesa pretende que ele deixe tão perigosa carreira e, quando o capitão a isso se resolve, é assassinado. Então um sábio reinado ressuscita-o por seis horas. E o nosso homem aproveita esse suplemento de vida, que é todo o seu futuro, para deixar os negócios arrumados: vai à conferência cumprir o seu dever de patriota, endossa a amada a outro e castiga o seu assassino. Depois torna a falecer, agora de vez, mas não sem ter escangalhado a trauquiana do sábio, porque — diz ele — o mistério da morte pertence a Deus e não ao homem.

Esta trapalhada, com vários episódios de obscuras intenções a complicá-la ainda mais, foi puxada à transcendência e apresentada como um assunto profundo que merece reflexão. Mas o público ri-se e julgamos que teve razão.

A maquiagem milagrosa e a não menos milagrosa operação, fazem lembrar demasiadamente a cena célebre do *Metropolis* para que mereçam consideração especial. E aí era fácil serem originais.

O começo é francamente bom e prometia outra coisa. Há uma cena bem achada e que é autêntico cinema sonoro. É aquela em que Oslow e Kranz conversam sobre a mulher que ambos amam. A presença dela no espírito deles, e no nosso, é sugerida pelo som do piano que ela toca numa sala contigua.

Warner Baxter, John Boles, Miriam Jordan, George Marion e os outros, bém. Mas não fizeram nada que nos espantasse.

### A Grande Corrida

(High Speed)

de D. ROSS LEDERMAN

Para um filme de aventuras não há melhor argumento do que aquele que reúna condições de movimentação e simplicidade. É o que se dá com *High Speed*. A novela não é pior nem melhor do que a maioria das novelas congêneres. Se não é grandemente original, também não é das mais disparatadas.

Mas o principal mérito do filme está na sua realização. Souberam animá-la, dar-lhe movimento, rapidez. As corridas de automóveis foram filmadas com grande entusiasmo e todos os episódios foram igualmente tratados com brio. Além disso tiveram também o cuidado de não se deixar arrastar para o convencionalismo do gênero.

A interpretação justa, em especial por parte de Buck Jones, muito sóbrio, e de Mickey McGuire (que não é senão o Mickey Rooney do *Cow-boy e o Ret*) e que decididamente não é um garoto vulgar.

### Caça-los vivos!

(Bring'em back alive)

de CLYDE E. ELLIOT

A opinião de certas pessoas que atacam um filme porque nele há truques, mesmo quando inexcusavelmente bem feitos, consideramo-la tóla — e é óbvia a razão. Mesmo num documentário os truques são permitidos, porque não há possibilidade muitas vezes de conseguir determinados efeitos doutra maneira. Mas é preciso que esses truques, além de serem bem realizados, sejam justificáveis pela dificuldade de certas cenas. Ora em *Caça-los vivos* nada disto se observa. Salta aos olhos, desde as primeiras imagens, que tudo aquilo foi preparado em qualquer parque

zoológico dos arrabaldes. Nada daquilo tem um ar sério e parece espontâneo. Vê-se do princípio ao fim o sr. Frank Buck apanhar léguas vivas, que outro, antes dele, já capturara. O explorador anda pela selva de sapatos, como nós andamos pelo Chiado. A bicharada passeia na floresta pacatamente, até que se encontrem dois espécimes, porque nessa altura temos pândalaria. É um verdadeiro campeão! O tigre contra o crocodilo, o crocodilo contra a gibóia, a gibóia contra o tigre. Não se sabe quem fica campeão porque os matches são todos nulos. Claro está que essas lutas, embora combinadas como uma exibição de box, conservam aquêle mesmo interesse objectivo que tem um combate de galos ou qualquer outra cena de pugilato.

Tódas estas aventuras sensacionais são apresentadas com uma falta de imaginação absoluta e pelo processo mais simples que pode haver: intercalaram planos de léras com planos do explorador, para convencer a gente de que ele assistiu aquilo tudo, misturando o melhor que puderam e ficaram muito esperançados que a ilusão resultasse. Mas não resulta coisa nenhuma. Só com muito boa vontade se acredita que o elefante pequenino tem alguma coisa que vêr com os elefantes grandes ou mesmo com o tigre que... o persegue.

O grande público, esse mesmo público que sustenta a fôlha de despesas de todos os jardins zoológicos do globo, vê a bicharada e gosta muito. Mas ao sair do cinema vem com cara de desconfiado — e isso é engraçado de observar.

*Caça-los vivos* pode ser apontado, enfim, como um dos mais completos espécimes dessa nova forma de *bourrage de crâne* que os produtores cinematográficos criaram. Por isso com razão Henri Jonson, no *Voulo*, o classificou assim: *Ce n'est pas un documentaire—c'est un 'documentaire'!*

### Que custa um beijo?

(Stranger's may kiss)

de GEORGE FITZMAURICE

Foi pena que George Fitzmaurice — um realizador que sabe o que faz — não tivesse procurado desembaraçar-se dos longos diálogos que se arrastam no filme. Uma alta-comédia não precisa de ser muito falada, ainda que a primeira vista isso pareça impossível.

Lubitch mostrou que se pode tratar cinematograficamente um assunto de alta-comédia quando fez o *Leque de Lady Margarida*, de saudável memória.

Mas porque é que foi pena que Fitzmaurice não tivesse tido uma maior preocupação de «fazer cinema»? Só por isto, que é pouco, mas que infelizmente se vai tornando cada vez mais raro: o assunto embora discutível, não é disparatado. Os sentimentos das personagens estão certos, compreende-se porque procedem como procedem, pois só assim era lógico que procedessem. Evidentemente que a nós portugueses, habitantes pacatos d'esse cantinho provinciano, aquela gente parece demasiado falsa, *literariamente falsçada*. E ainda bem. Mas isso não quer dizer que não exista. Aquela rapariga de educação «moderna», a quem um caso familiar faz perder o gosto pelo casamento, e que não fica a crer senão no Amor, com um grande A, não é uma mera fantasia de novelista falho de assunto. Ao que a arrasta essa maneira de vêr e o meio em que vive, não vale a pena aqui falar.

Basta dizer que uma desilusão de amor a atira para uma vida mais que frívola. E o final — um *happy end* sensato — não custa a aceitar: aquêle homem devia-lhe o casamento como uma reparação.

Isto passa-se entre gente de dinheiro — casacas, *toilettes* luxuosas, automóveis caros — e em lugares de prazer cosmopolitas — Nova-York, Biarritz, Paris. É um meio que agrada ao público, á maioria. Destorra-o da sua mediocridade. O filme ter-lhe-ia agradado em cheio se não fosse a lentidão de certas cenas. A subtileza da apresentação não basta para o entreter. Mas apesar de tudo é na interpretação que está o maior factor de agrado do filme. Não é possível representar melhor, Norma Shearer, Irene Rich, Neil Hamilton, Robert Montgomery, Marjorie Rameau — que belo cast! Até para uma espanhola episódica foram buscar Conchita Montenegro. E que bem que ela dança! Mas quem merece um bravo especial é Norma Shearer. Decididamente esta mulher é um caso sério. Não se pode ter mais distinção, ser-se mais bela e representar com maior naturalidade e subtileza.

Não deixaremos de dizer que o início do filme é especialmente feliz, e também notaremos que o ambiente mexicano e a «nota» espanhola foram dados com aquela ingénua simplicidade de que os americanos têm o segredo.

Esta semana a Fox apresentou nada menos de quatro jornais: o 66, o 67, o 68 e o 69. Nenhum deles é famoso.

Num vemos dois ou três acontecimentos de interesse e muitas outras coisas mais que banais. Outro é constituído por um «Magazine Fox Movietones de grande valor documental mas que nunca pôde ser considerado como actualidades. Por isso o apreciaremos na secção das culturais.

Os outros dois seguem na mesma ordem de ideias. Um das brachas sem importância, outras coisas interessantes, mas já pertencentes a um «passado» longínquo. Alguns dos assuntos focados são curiosos pelo característico, outros valorizam-se pelo contraste, como por exemplo os dois aspectos da manada de búfalos na neve do Wyoming e da pesca do atum nas costas ensauçadas da Sicília.

Mas isto não basta. Temos o direito de vêr actualidades autênticas, queremos hot news!

E cá ficámos á espera de que os exibidores se resolvam a atender esta nossa exigência que é tudo quanto há de mais justa.

### Desenhos animados

Circo Encantado — Não se sabe quem é o autor deste desenho animado, e é pena. Porque é do mais engraçado que se tem feito. O que é pena é que não seja melhor desenhado e construído. E por que será que o desenhador não procurou criar tipos novos e se limitou a imitar? É essa a principal inferioridade d'êste desenho.

### VIMOS EM LISBOA...



«Caça-los vivos» documentário de lutas entre feras na selva asiática.



Warner Baxter, Miriam Jordan, John Boles e George Marion em «Seis horas de vida».



[ Norma Shearer, Robert Montgomery e Neil Hamilton em «Que custa um beijo?»



Joan Bennett, Spencer Tracy e James Kirkwood na comédia «A Procura dum Milionário»



Buck Jones, Mickey Rooney, Loretta Sayers e Wallace Mac Donald «A em Grande Corrida»



José Mojica, Mona Maris e Andrés de Seguro interpretam «O Bandido Mascarado»

## Aldrabão á força

(Le roi des Schlemihls)  
de MAX NOSBECK

Está provado que não há como os americanos para acharem o «cómico cinematográfico», essencialmente objectivo, directo, simples e incisivo. Todas as tentativas europeias nesse sentido falham estrondosamente. Esta não falha estrondosamente porque o artista que dela se encarregou não é homem que se deixe enterrar facilmente. Foi pena que não tivesse orientado melhor o protagonista, Curt Bois, que faz esforços desesperados por imitar ora Buster Keaton ora Harold. A influência de Chaplin é nitida, mas isso não é defeito. Imitar sim. E quanto a Harold e Keaton foi o que fez. Se tivesse procurado criar uma personalidade talvez se tivesse imposto. Assim, não.

A ideia principal do filme é excelente, prestandose a coisas espantosas. Muitas ficaram por fazer.

O filme melhora bastante desde que a acção se esclarece e se concretiza, isto é, desde que entram na casa do verdadeiro Dollinger. Começam então a aparecer gags inéditos, cheios de graça e de alcance visual. Mas onde Max Nossek mostra que sabe verdadeiramente da poda é nas cenas finais, das ruas. Quer antes do atentado, quer depois, mas em especial depois. Essas correrias pelas ruas, perseguições de automóvel e fuga no carro dos bombeiros, só são comparáveis aos melhores bocados de Harold — o que é dizer algo. Quem fez semelhantes metros de filme mostra que tem estôfo. Isto chega para que saibam que a verdadeira revelação da fita não

foi Curt Bois, mas Max Nossek, o realizador. O que fez é notável e sobeja para que se lhe desculpe aquilo que deixou por fazer, tanto mais que nenhum europeu ainda o fez. E de todos é ele que dá mais esperanças de vir a fazer um dia.

Os vários tipos do filme foram criados com simpática fantasia por Gregori Chmara, Hans A. von Schlettow, Hubert V. Meyering e Max Ehrlich. La Jana é mais uma rapariga interessante com que se pode contar.

O filme é «dobrado» em francês, por péssima forma. Num filme deste género o dubbing nada vem acrescentar. Antes pelo contrário.

## O Cowboy e o Rei

(My Pal the King)  
de KURT NEUMANN

É possível que muita gente ache disparatado o argumento deste filme de aventuras. Ele disparatado é. Mas não se pede lógica nem verosimilhança num filme de aventuras. O que é preciso é arranjar uma história movimentada e imprevista, com o seu quê de maravilhoso, muita audácia, muitas façanhas arrebatadoras e muito entusiasmo. My Pal the King tem tudo isso e alguma coisa mais.

As aventuras extraordinárias do pequenino rei da Alvéria — reino imaginário situado no Oeste americano, calemos! — fazem lembrar um conto de Schmidt, muito actualizado, pelo ambiente, pelo género da intriga e pelo desfecho. Não é vulgar aparecer história de aventuras que mais possa prender e entusiasmar uma assistência de petizada e... de gente graúda. Vários elementos contribuem para isso: a simpática figura do rei menino, as tenebrosas maquinações do Conde del Mar, a valentia e a destreza do popular Tom Mix, as proezas e as habilidades dos cowboys e dos peles vermelhas.

Muitas cenas são especialmente engraçadas, como as da parada dos cowboys, do conselho do rei e a do trono, entre Tom Mix e Mickey Rooney. Outros interessam fortemente, como a exibição da companhia, em que vemos algumas habilidades dos cowboys, que são prodígios de destreza.

A realização do filme é impecável. Sob esse ponto de vista nunca «há nada a dizer» destes filmes americanos. Só não gostamos da cor castanha da fotografia.

Este filme revela-nos um actor miúdo pasmoso, Mickey Rooney. Basta este filme para o colocar, senão acima de Jackie Cooper, pelo menos no mesmo plano. Quer-nos parecer que este garoto há-de ir longe — e não é preciso arrojado para ter esta opinião.

Tom Mix, o Tom Mix de sempre, e não pretendemos com isto desdenhar da sua pessoa. Num papel secundário um velho conhecimento: Stuart Holmes, vilão celebre em tempos idos.

## A Procura dum Milionário

(She wanted a millionaire,  
de JOHN BLYSTONE

O velho tema de que o dinheiro não dá felicidade, enquadrado numa história de certo modo original. O argumento é mesmo de muito boa qualidade até ao casamento de Jane com Gordon. Depois peca por melodramático. Aquêle maniaco do ciúme, Barba-Azul do século XX, que atrai as mulheres aos cães para delas se vingar, chega a ser le grand-guignol. Mas fora isso a novela é interessante e muito aceitável.

O realizador soube tirar partido de muitas cenas, compondo-as com gosto, simplicidade e muito sentido cinematográfico.

O filme tem por si ainda um trunfo valioso — Joan Bennett. Do princípio ao fim ficámos hipnotizados pela sua graça, simplicidade e frescura. E a sua mocidade ingénua torna-se imediatamente simpática. Além disso representa muito bem, singelamente e com sensibilidade.

Spencer Tracy, prototipo do americano médio, mostra que é um bom actor. Em breve nos Diabos do Céu prestará provas mais concludentes. O milionário desviado pelo ciúme é James Kirkwood e deve-se dizer que soube salvar-se do convencionalismo em que era fácil cair.

Enfim, um filme que, sem ser para espantar, é no entanto um filme bom, limpo, agradável. E seria mesmo uma comédia dramática perfeita se não tivessem puxado tanto ao tenebroso uma das personagens.

## O Bândido Mascarado

(El Caballero de la Noche  
de JAMES TINLING

Não nos faltava mais nada!

Dick Turpin protagonista dum operêta espanhola! Não cremos que o prestígio actual do célebre bandoleiro seja tão importante que justifique a usurpação do seu nome num caso como este. Era absolutamente escusado o Dick Turpin. Se tivessem arranjado outro nome qualquer e situado a acção em Espanha, o filme ganhava bastante. Porque basta a gente lembrar-se que

## Viagens e culturais

Shangai, do Tapete mágico da Fox. Belo documentário, ótamente fotografado, que nos faz ver alguns aspectos típicos da vida chinesa, apanhados com verdade, «ao natural». E está nisso o seu especial valor.

Recordações Renanas, também do Tapete Mágico da Fox — Tudo o que encontramos de louável no documentário anteriormente referido, desapareceu neste, para dar lugar ao pior critério em matéria de documentários: Tudo o que no outro era naturalidade e «realidade vivas» é neste fabricado, convencionalmente fabricado.

Magazine Fox Movietone (Jornal Fox 69 — Observamos, graças á objectiva, a vida carnicreira das aranhas e depois algumas experiências de alta tensão feitas pelo professor alemão Marx. O documentário sobre as aranhas tem o maior interesse que sob o ponto de vista cultural quer mesmo sob o ponto de vista cinematográfico.

## Farsas

Charlie no Banco — Charlie at the bank — sempre achamos o maior interesse a estas «retrospectivas». O público já não foi da mesma opinião. E gostamos de saber porque. O que é certo é que não soube ver esse filme. É «idiota exigir a um filme de 1916 o que é corrente em 1933». E no Chaplin de 1916 há que basta para interessar um mero espectador.

Brincando aos comboios — Farsa com a Pandilha, baseada num ótimo argumento. De estrada arasta-se um pouco mas, desde que os comboios entram verdadeiramente em acção, levanta-se a uma boa, a uma excelente altura.

## Documentários portugueses

Marvão — Operadores Cesar de Sá e F. Quintela — Este documentário não parece destes operadores. Fotografia quasi sempre desfoçada e interesse nulo.

S. Tome — Uma má fotografia e uma pobre imaginação a servir um assunto de interesse.

Festa Hípica — Operador Manuel Luiz Vieira — Uma exibição dos alunos do picador Miranda mal cinematografada. A exibição em si é boa, mas deviam ter-la mostrado mais sucintamente para não enfadarem.

Batalha — Operador Aquilino Mendes — Documentário dum a viagem ao tumulo do soldado desconhecido. Tem planos bons, outros sofríveis e outros maus.

Cenas Típicas de Lisboa — Operador Artur Costa Macedo — Revela vontade de renovar o estafado «100 metros». Algumas cenas bem fotografadas. Um esforço simpático.

D. M.

aquilo se passa em Inglaterra para nos sentirmos conflagrados...

parte isto, e desde que aceitamos como bom o processo teatral, o filme não é dos piores, no género. Ha mesmo pedaços agradáveis, cenas graciosas, episódios movimentados.

O Dick Turpin é José Mojica. Um Dick Turpin muito mestiço mexicano, claro está. Mona Maris faz a Lady Helena com graciosidade. Andrés de Seguro compõe a figura do cínico segundo as regras primárias e convencionais.

Pessoalmente não julgámos que haja necessidade, ou mesmo vantagem, em fazer filmes destes. Mas se calhar pensamos mal, porque o público é o supremo juiz... Pelo menos aos produtores o que interessa é o julgamento que o público faz aos filmes nas bilheteiras dos cinemas. Les affaires sont les affaires...

## DOMINGOS MASCARENHAS



Curt Bois, La Jana e Hadalbert Von Schletow na farsa de Max Nossek Aldrabão á força

TEMOS RECEBIDO OS MAIS SIMPATI-  
COS ELOGIOS AO NOSSO SERVIÇO DE  
CONSULTAS CINEFILAS E DE «POSTA  
RESTANTE». TODA A CORRESPONDÊN-  
CIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DE-  
VE SER DIRIGIDA A DR. CELULOIDE,  
: : R. DO ALECRIM, 65-LISBOA :



# Correio dos Cinéfilos

V. M. SANTOS JÚNIOR — *Porti-  
mão*. — Agradecemos não só a ama-  
bilidade das suas palavras, como a  
sua boa vontade. Conquanto neste mo-  
mento não possamos aceitar os seus  
serviços, tomámos no entanto, nota  
do seu nome para quando nos pare-  
cer necessário. Sempre às suas or-  
dens.

ESTOU ESPERANDO RESPOS-  
TA! — *Lisboa*. — Aqui a tem; des-  
culpe não ter sido mais cedo mas a  
afluência é grande e o espaço não é,  
infelizmente, elástico. — Para assinar  
a nossa revista pode mandar a im-  
portância em carta registada ou  
vir pessoalmente à nossa à nossa  
administração, é uma questão de  
conveniência sua. — A Paramount  
segundo notícias recentes de origem  
americana, parece estar de novo  
consolidada. — Encontra na Posta  
Restante o que me pede.

SYLVIA SIDNEY DISFARÇADA  
— *Lisboa*. — Dir-se-hia que estamos  
em pleno Carnaval com tantos *dis-  
farces*! Depois do Henry Garat e da  
Lilian Harvey, aparece-me agora a  
Sylvia Sidney, de *loup*! Seja pois  
muito bem apreciada por esta sua  
casa, simpática amiguinha. — O seu  
simpático Garat recebe correspondên-  
cia nos Fox Movietone Studios,  
1401 N. Western Ave. Hollywood,  
Calif. — Para Ramon Novarro,  
presentemente em França, endereço  
para «Alhambra» Theatre, Paris.  
Mas escreva depressa, pois se se-  
demora pode a sua carta não o en-  
contrar aí. Deve escrever, para am-  
bos em francês. — Na secção respec-  
tiva será satisfeito o seu desejo. E  
até breve Sylvia Sidney de Lisboa.

O OUTRO EU — *Lisboa*. — Oh!  
filho, com uma caligrafia dessas —  
um amor de letra, na verdade —  
quem não te há-de desculpar; des-  
culpa que eu fosse. — O célebre  
*Testamento do Dr. Mabuse*, adquirido  
já para o nosso país pela Agência  
H. da Costa, deve estreiar-se muito

brevemente.

Segundo a imprensa estrangeira tra-  
ta-se dum filme excepcional. Nem  
outro coisa mesmo se poderia esperar  
dum Fritz Lang. Não é verdade?  
— O que me pedes vem hoje na  
Posta Restante. — E manda sempre,  
meu velho.

NUMÍDIO — *Lisboa*. — O amigo  
realmente não se afoga na pouca  
água; nada menos de oito moradas  
alem das que ficam nos etc! Estive  
quasi para lhe mandar as dos artis-  
tas incluídos no etc... Como pa-  
rece ser boa pessoa aí vão os en-  
dereços de três delas: Elissa Landi;  
Fox Studios, 1401 N. Western Ave  
Hollywood Calif.; Charlotte Suza;  
Metro Goldwyn Mayer Studios, Cul-  
ver City Calif.; Marie Bell, 158,  
Boulevard Malesherbes, Paris. As  
outras vão para a semana. Tem de  
ser assim pois de contrário, a secção  
passava a ser de uso exclusivo do  
meu amigo...

DR. MABUSE — *Lamego*. — Para  
Brigitte Helm endereço para a U.F.A.  
Krausenstrasse, 38-39 — Berlim, W 19  
Por sua vez a Lilian Harvey pode  
escrever para os estúdios da Fox,  
cuja morada damos acima. — Tanto  
para uma como para outra pode  
escrever em francês, inglês ou ale-  
mão. — Nunca nos importuna. Es-  
creva sempre que quiser.

NECA, LOUCO PELO CINEMA  
— *Barcelona*. — Na verdade, antes pelo  
cinema que por outra coisa qual-  
quer, também acho. — A direcção  
do atlético Johny Weissmuller é  
Metro Goldwyn Mayer Studios, Cul-  
ver City, Calif. — Se não tiver outro  
meio, escreva-lhe mesmo em portu-  
guês; os seus secretários *adivinham*  
o que o amigo lhe pede — a indis-  
pensável foto, não é assim? — s  
suas ordens.

MIMI AGULHA — *Porto*. — Como  
é amável para dr. Celuloide. Creia  
que muito me sensibilizaram as suas

tão lindas] como imerecidas pala-  
vras. O que seria eu capaz de recu-  
sar a tão simpática quanto gentil  
correspondente? — Clive Brook nas-  
ceu em Londres a 1 de Junho de  
1892. Está divorciado desde 1920 de  
Mildred Evelyn, de quem tem dois  
filhos, Clive e Faith. Tem um tm79,  
cabelo castanho e olhos cinzentos.  
Antes de, em 1923, ter partido para  
os Estados Unidos, fez vários filmes  
em Inglaterra, tendo-se estreado no  
filme inglês *Trent's Last Case*. — Es-  
creve-lha para Paramount Studios,  
5451 Marathon Street, Hollywood,  
Calif. Ficou satisfeita a sua curiosi-  
dade? Oxalá. — E agora fico espe-  
rando mais notícias suas. Até breve,  
pois.

M. RAMALHO AZEVEDO — *Vila  
do Conde*. — Para assinar a nossa  
revista basta mandar para a adminis-  
tração a importância respectiva. —  
Para os artistas é escusado escrever  
em carta registada; o que é conve-  
niente é mandar: para os america-  
nos cerca de 25 centavos de dólar e  
para os franceses cinco francos, para  
cobrir as despesas do porte das foto-  
grafias. — Sempre que precisar de  
qualquer informação, escreva.

L. SILVA LOPES — *Lisboa*. — Não  
podemos satisfazer o seu pedido pois  
que o mínimo período dum assina-  
tura é tres meses.

FERNANDINHO — *Sintra*. — Agra-  
decemos-lhe as suas felicitações —  
Por agora não temos grande neces-  
sidade em utilizar o seu oferecimento  
mas se porventura alguma vez pen-  
sarmos nisso, creia que não nos es-  
queceremos de si.

TONY TINTA — *Lisboa*. — Presen-  
temente Blanche Montel encontra-se  
nos Estados Unidos; mas como deve  
estar de volta dentro de algumas  
semanas, pode escrever-lhe para 26,  
pare Montretout, Saint Cloud (S.et O)  
France. — Para Miriam Hopkins en-  
dereço Paramount Studios 5451 Ma-

rathon Street, Hollywood, Calif. —  
Esse filme português nunca foi exi-  
bido publicamente em Paris. — Sem-  
pre às ordens.

JOSÉ DOS SANTOS ESTRFLA  
— *Faro*. — Por enquanto não precisa-  
mos. Na devida oportunidade lemb-  
raremos o seu nome. E obrigado,  
*quand même*...

UMA QUE AMA O RICARDO  
CORTEZ — *Lagôa*. — Jean Angelo go-  
sa de perfeita saúde. Tem 51 anos.  
— Ricardo Cortez é viuvo da actriz  
Alma Rubens; nasceu a 19 de Sete-  
mbro de 1899. — A história de  
possível casamento de Greta e Ra-  
mon foi pura invenção do chefe de  
publicidade da empresa a que per-  
tencem e sem a menor consequên-  
cia... — Ramon tem 34 anos. —  
Está agora completamente satisfeita  
a sua curiosidade?

## Posta Restante

ESTOU ESPERANDO RESPOS-  
TA! — nosso leitor lisboeta, gostaria  
de trocar correspondência com lei-  
tora de «Animatógrafo», e por nosso  
intermédio.

SILVIA SIDNEY DISFARÇADA  
desejando corresponder-se com *Hen-  
ry Garat disfarçado* pede a este nosso  
leitor que diga se lhe interessa com  
ela corresponder-se

O OUTRO EU teria o máximo  
prazer em corresponder-se com lei-  
toras de *Animatógrafo* com menos de  
vinte anos, sobre cinema, critica e  
desporto. As interessadas deverão  
escrever por intermédio do dr. Ce-  
luloide.

VENUS DA COSTA DO SOL — de-  
ve ter recebido já uma carta que lhe  
enderecei do leitor que se assina *Um  
cinéfilo amoroso*.

### Chiado Terrasse

SENHA VÁLIDA PARA  
**2 ENTRADAS**  
COM O DESCONTO DE  
30% NAS MATINEÉS DE  
3.ª FEIRA, 9 ou 6.ª FEIRA,  
12 DE MAIO

### Central

SENHA VÁLIDA PARA  
**2 ENTRADAS**  
COM O DESCONTO DE  
50% NA MATINEÉ DE  
4.ª FEIRA, 10 DE MAIO

### Palácio

SENHA VÁLIDA PARA  
**2 ENTRADAS**  
COM O DESCONTO DE  
50% NA MATINEÉ DE  
5.ª FEIRA, 11 DE MAIO

### Central

SENHA VÁLIDA PARA  
**2 ENTRADAS**  
COM O DESCONTO DE  
50% NA MATINEÉ DE  
6.ª FEIRA, 12 DE MAIO

### Condes

SENHA VÁLIDA PARA  
**2 ENTRADAS**  
COM O DESCONTO DE  
25% NA MATINEÉ DE  
SÁBADO, 13 DE MAIO

### Olympia

SENHA VÁLIDA PARA  
**2 ENTRADAS**  
COM O DESCONTO DE  
50% NA MATINEÉ DE  
SÁBADO, 13 DE MAIO

### São João

(PORTO)

SENHA VÁLIDA PARA  
**2 ENTRADAS**  
COM O DESCONTO DE  
50% NA MATINEÉ DE  
SÁBADO, 13 DE MAIO

### Odéon

SENHA VÁLIDA PARA  
**2 ENTRADAS**  
DE PLATEIA OU DE BALCÃO  
EM TODAS AS MATINEÉS DA  
SEMANA DE 8 A 14 DE MAIO  
EXCEPTUANDO A DE QUIN-  
TA-FEIRA, 11 E A DE DÔMIN-  
GO, 14 E PAGANDO APENAS  
**2850**

Durante a sua forçada alocação, o Telmo não pôde conseguir felizmente manter a seriedade que é sempre infalível nos comunicados oficiais. Adoptou para se desempenhar da missão ingrata, o seu ar simples e brinçalho do costume e muitas vezes fez rir o auditório que não esperava nada encontrar um realizador tão bem disposto e tão jovem. Vou reproduzir mais ou menos o que ele comunicou à improvisada assembleia de críticos embora esse genero de reportagens em conjunto não costumem interessar-me. Faço-o apenas para arquivar mais um detalhe do nosso momento cinematográfico:

Disse Cottinelli Telmo que a Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros tinha pensado primeiro em realizar um extenso documentário onde fosse possível reunir o máximo do nosso mais tipico folklore. Essa ideia foi porém posta de parte em vista de falta de tempo, da grande despesa que seria necessário fazer e do pouco interesse que esse filme poderia ser para o grande publico de Portugal. Pensou-se depois em realizar um documentário romaneado que, sucessivamente modificado, acabou finalmente por se transformar num filme de acção de caracter popular e humorístico a que foi dado o título de *Canção de Lisboa*. Cottinelli Telmo informou-nos ainda de novos contratos efectuados com os conhecidos artistas de teatro: António Silva, Santos Carvalho e Alfredo Silva que se encontrava ha algum tempo afastado da sua profissão. Cottinelli achou interessante salientar que uma das principais figuras femininas, que é uma velha, não tem ainda interprete escolhida.

Também não se sabe até agora a vedeta da *Canção de Lisboa* nem o seu respectivo galã. A filmagem deve principiar no dia dez de Maio apesar das dúvidas que ainda existem no seu elenco de artistas e que nessa data já devem estar, provavelmente resolvidas, devendo a *Canção de Lisboa* ser exibida ainda nesta época. Seguidamente proceder-se-ia à realisação do segundo fonofilme da C. P. F. S. baseado no romance de Julio Deniz «As pupilas do sr. Reitor» que Leitão de Barros dirigirá. Os exteriores das «Pupilas do sr. Reitor» devem ser já filmados durante os meses de Agosto e Setembro, sendo os interiores trabalhados no estúdio que nessa altura deve encontrar-se já completamente concluido.

**Ha novas candidatas em perspectiva para os primeiros papeis da «Canção de Lisboa»**

Falei com o dr. Ricardo Jorge filho, que também assistira à entrevista do Telmo com a critica. Perguntei-lhe se a vedeta seria escolhida entre as dezesseis seleccionadas. Disse-me que não. Já se tinham encontrado particularmente algumas raparigas, inéditas, com mais qualidades do que qualquer das concorrentes. Galãs também já havia dois. Só tinham o embaraço da escolha. E os nomes?

Os nomes? O dr. Ricardo Jorge *não dizia*.

**Frases que algumas seleccionadas escreveram para o «Animatógrafo»**

Quando todos principiavam já a debandar lembrei-me de que só me faltava o tempo para a salada de fructas. Pedi a algumas seleccionadas, que ainda não tinham saído, para escreverem uma frase qualquer que seria publicada no «Animatógrafo».

conheço-o —, mas eras despreocupada e alegre, falavas francês sem «argot» e não tinhas dotado os teus conhecimentos de inglês com a impertinência irritante do O. K. Sabias, nêsse tempo, conversar com fluência fosse qual fosse o assunto das conversas, frequentavas os salões de pintura e de escultura, folheavas nas mesas do Tavares Martins as últimas novidades da literatura, não perdia um concerto da Assembleia, nem uma reunião do Club Portuense.

Enfim, estavas actualizada, em todos os assuntos, mesmo em cinema, eras o que se chama habitualmente *uma rapariga preparada*.

Hoje não acontece assim, relegaste para um sector secundário todas as afirmações de intellectualidade e de sociedade, para te entregares à ilusão de vires num dia a guindar-te pelos teus dotes físicos a estrela do cinema.

A culpa também me cabe, porque — como os outros — te chamei bonita...

E, na ânsia de irs para o cinema, foste a pouco e pouco perdendo aquilo que te poderia levar até elle, não a harmonia escultural e anatómica das tuas linhas, mas a maleabilidade, a ductilidade dos teus conhecimentos, do teu talento.

Das centenas de raparigas que passavam diante dos seleccionadores da Tobis, a maior parte não alcançará a cubição glória pelos mesmos motivos que te aponto.

E's nova e a beleza que nasceu contigo não necessita das atenções excessivas que lhe dispensas. Se queres ser artista de cinema, recupera a tua antiga personalidade, que era bem mais cheia de atractivos.

Mas, a persistires em continuar assim, desilude-te, pequena...

ANTÓNIO FIGUEIREDO

TODAS AS ASSINATURAS de ANIMATÓGRAFO DEVEM VIR ACOMPANHADAS DA RESPECTIVA IMPORT.

A primeira a quem me dirigi, rapariga de olhos profundos, simpática, meiga, escreveu timidamente uma frase agradável.

Depois seguiram-se outras e apreciei a litteratura que segue.

*Tinha muito medo dos criticos. Afinal são todos muito simpáticos.*

Maria Matos Pereira.

*Poder cantar a linda Canção de Lisboa; Um sonho... mas talvez não!*

Maria Adelaide

*Não sei o que hei-de escrever...*

Corália Escobar

*Que papel me darão a mim? Estarolice...*

Deolinda Gonçalves

*O meu maior sonho é agradar ao público de Lisboa.*

Fernanda Pereira

Retenham esta data

**E' no dia 13 de Junho que se sabe qual dos nossos assinantes vai a Berlim!**

Os três prémios do nosso sensacional concurso todos sabem quais são.

O primeiro é:

UMA VIAGEM A BERLIM, COM DIREITO A UMA ESTADIA DE 6 DIAS NUM HOTEL DE PRIMEIRA ORDEM, VISITA AOS PRINCIPAIS CINEMAS E MONUMENTOS DA GRANDE CAPITAL, E AOS ESTÚDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, A HOLLYWOOD EUROPEIA.

O segundo prémio é UM RECEPTOR RADIOFÓNICO «STEWART WARNER», circuito super-heterodino modelo 1933 oferecido pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.

O terceiro prémio é UMA CAMARA DE FILMAR «ENSGN» para filme de 16 milímetros, oferecida pela casa Amador Fotográfico, de Rôiz Ltd., Rua Nova do Almada, 84.

**Para concorrer basta assinar ANIMATÓGRAFO**

Hollywood

(Conclusão da pag. 9)

**dum artista estrangeiro, indefinidamente no nosso paiz.** E isto será aplicado quer a Marlene, a Dietrich, a Maurice Chevalier, a George Arliss, a Greta Garbo, como a qualquer outro.

Se um estúdio desejar contratar um artista estrangeiro, para uma única película, os dirigentes dessa empresa terão de fazer um depoimento, sob juramento de honra na secção de Emigração, de *não lhes ser possível encontrar nos Estados Unidos um artista capaz de ser interprete dêsse determinado personagem.*

Se se tratar dum argumentista, a fórmula é idêntica. E assim será permitida, *mas apenas para um único filme*, a entrada dum actor estrangeiro.

Se por acaso se provar que a companhia prestou falsas declarações, ter-se-á ella de entender, depois, com o Governo.

Com a transformação do plano Dickstein em lei, acabará também a legião de *extras*, que de toda a parte do mundo affliem a Hollywood, prejudicando os naturais. Toda essa genta terá de se pôr a andar da América, deixando dessa forma o campo livre aos *extras* americanos, que assim poderão viver mais desafogadamente do seu trabalho».

FRANT CATES

ANIMATÓGRAFO

Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 - Impressão: Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa - Gravuras de BERTRAND IRMÃOS

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd.

Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO

TELEF. 2 1276

Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO

ANO I

NÚMERO 6

Lisboa, 8 de Maio de 1933

PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA

ASSINATURAS: (Contizente e Ilhas) — Três meses, 16\$00 — Seis meses, 31\$00 — Um ano, 62\$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1\$20)

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Preço 1\$50



## O AUTOMOVEL DE ROBERT MONTGOMERY

O popularíssimo galã americano, amigo íntimo de Greta Garbo e de Ramon Novarro, é um dos melhores volantes de Hollywood. O automobilismo e o polo — o polo a cavalo e não as regiões geladas, claro está — ocupam todos os seus momentos livres. Seguindo a moda em voga na capital do cinema, Robert Montgomery adoptou, há pouco tempo, um petiz, decto para brincar com o seu filho autêntico.



POLA ILLÉRY REAPARECE AOS SEUS ADMIRADORES PORTUGUESES NO NOVO FILME DE RENÉ CLAIR, «14 DE JULHO», QUE A AGÊNCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA APRESENTA AMANHÃ NO SÃO LUÍS.